

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTOS DE ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Thiago Alcântara Nascimento

**Habitar a paisagem do Sertão do Ribeirão da Ilha**

Florianópolis

2026

Thiago Alcântara Nascimento

**Habitar a paisagem do Sertão do Ribeirão da Ilha**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em nome de Thiago Alcântara Nascimento.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Victorino Devos

Florianópolis

2026

Nascimento, Thiago Alcântara

Habitar a paisagem do Sertão do Ribeirão da Ilha /  
Thiago Alcântara Nascimento ; orientador, Rafael Victorino  
Devos, 2026.

85 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências  
Sociais, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

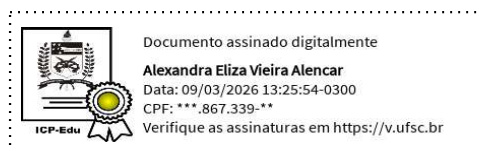
1. Ciências Sociais. 2. Sertão do Ribeirão da Ilha. 3.  
Roça. 4. Comunidades em áreas de preservação. 5.  
Antropologia da paisagem. I. Devos, Rafael Victorino. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Ciências Sociais. III. Título.

Thiago Alcântara Nascimento

## Habitar a paisagem do Sertão do Ribeirão da Ilha

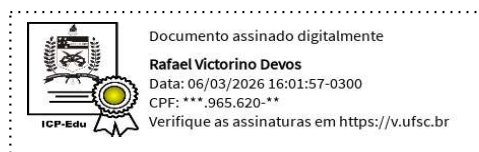
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

Florianópolis, 3 de março de 2026



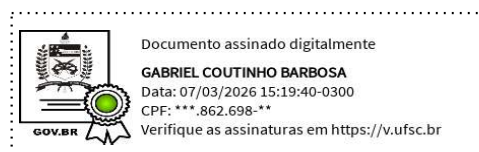
Coordenação do Curso

### Banca examinadora



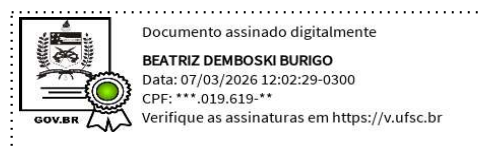
Prof. Rafael Victorino Devos Dr.

Orientador



Prof. Gabriel Coutinho Barbosa Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.(a) Beatriz Demboski Búrigo Dr.(a)

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2026.

Dedicado à minha avó, Jeny.

## **AGRADECIMENTOS**

10 anos para se formar. Entre essa década: abandonos e a ideia - persistente - de que iria desistir de uma vez, em pleno projeto de TCC, o qual já havia sido qualificado há 4 anos antes da defesa. Desse modo, gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a paciência – e a compreensão - de dois grupos muito importantes nessa caminhada. Um deles, é claro, a minha família, que no meio desses longos e satisfatórios anos de universidade (alguns tortuosos), apoiaram a minha retomada, ajudando financeiramente para minha permanência na ilha, mesmo sob todas as dificuldades enfrentadas em relação ao dinheiro e de problemas de saúde em nosso núcleo familiar. O outro grupo, não seria por menos, o CANOA, dos professores Rafael Devos e Gabriel Barbosa, o qual tive a felicidade de participar em grupos de estudo e disciplinas. Mais que professores, foram amigos e verdadeiros mestres na graduação que nunca desistiram de mim e do meu projeto.

Também agradeço a meus amigos e amigas, muitos deles feitos nesses anos de universidade, os quais realmente mudaram a minha vida, para muito melhor! Entre eles, o grupo LEIA, da UFSC, do professor Lucas Bueno, em que nessa retomada me acolheram para que meu interesse em arqueologia pudesse tomar forma e assim me fortalecer para enfim terminar o curso.

## RESUMO

A pesquisa que se segue é resultado de um trabalho de campo feito a partir de uma roça, realizada dentro do período de um ano no Sertão do Ribeirão da Ilha, localidade do município de Florianópolis-SC. Apresenta algumas reflexões que podem ser consideradas em um entendimento sobre a manutenção dessa importante paisagem através dos modos de habitar lá encontrados. Localizado ao sul da ilha de Santa Catarina, o Sertão é parte de uma grande área de interesse ambiental protegida por legislação, a bacia hidrográfica da Lagoa do Peri: o maior manancial hídrico da ilha. Desde a primeira metade do século XX, movimentos que visam a sua preservação são, em certa medida, evocados e debatidos. No ano de 2019, a categoria que definia a região como “Parque Municipal” fora substituída pela de “Monumento Natural”, a qual atualizou a garantia da presença das pessoas naquela localidade. Considerado esse contexto, essa pesquisa visou conhecer um pouco da realidade lá encontrada, partindo da relação dessa paisagem com a importância da presença daquela comunidade e de suas atividades. Junto das observações baseadas por aquilo que é dito, feito e enfrentado pelos habitantes em sua busca pela adaptação ao lugar, a experiência diária na participação da feitura de uma roça no local sugere o quanto suas atividades são influentes em seus modos de habitar e de se relacionar com o ambiente – ainda tão particulares se comparados a outras localidades da ilha e fundamentais no processo de manutenção da paisagem do Sertão do Ribeirão.

**Palavras-chave:** Sertão do Ribeirão da Ilha; roça; observação participante; antropologia da paisagem; comunidades tradicionais em áreas de preservação

## ABSTRACT

The following research is the result of fieldwork conducted over a one-year period, focusing on a traditional farm (roça) in Sertão do Ribeirão da Ilha, a locality within the municipality of Florianópolis-SC. It presents some reflections that can be considered in understanding the maintenance of this important landscape through the ways of inhabiting found there. Located south of Santa Catarina Island, Sertão is part of a large area of environmental interest protected by legislation, the Lagoa do Peri watershed: the island's largest water source. Since the first half of the 20th century, movements aimed at its preservation have been, to some extent, evoked and debated. In 2019, the category defining the region as a "Municipal Park" was replaced by that of "Natural Monument," which updated the guarantee of people's presence in that locality. Considering this context, this research aimed to understand a little of the reality found there, starting from the relationship of this landscape with the importance of the presence of that community and its activities. Along with observations based on what is said, done, and faced by the inhabitants in their search for adaptation to the place, the daily experience of participating in the making of a roça in the locality suggests how influential their activities are in their ways of inhabiting and relating to the environment – still so particular when compared to other localities on the island and fundamental in the process of maintaining the landscape of Sertão do Ribeirão.

**Keywords:** Sertão do Ribeirão da Ilha; Traditional farm / Small-scale farming plot; Participant observation; Anthropology of landscape; Traditional communities in protected areas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
1.1	DESENHANDO UMA PESQUISA: DO SERTÃO A UMA ANTROPOLOGIA DA PAISAGEM.....	20
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>25</b>
2.1	A ESTRADA CHICO DO ALAMBIQUE .....	25
2.2	INTERLÚDIO: ZÉ E SEO CHICO .....	39
2.3	A ROÇA .....	45
2.4	ANÁLISE.....	70
2.4.1	TRÊS PONTOS PARA UMA JUSTIFICATIVA (OU APENAS “ALGUMAS DESCULPAS”).....	70
2.4.2	TRABALHO, COCRIAÇÃO E PAISAGEM .....	73
2.4.3	LEGISLAÇÃO .....	82
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>85</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>89</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A primeira vez que eu ouvi falar sobre o Sertão<sup>1</sup> do Ribeirão da Ilha era a respeito de “*um lugar que tem alguns alambiques*”. De acordo com os colegas que me prestaram essa informação por primeiro, o interesse se resumia a: “*cachaças de vários tipos*”, “*diferentes*”, “*artesanais*”. Pouco tempo depois veio a seguinte descrição: “*tem um lugar lá pelos lados do Ribeirão em que você faz trilha e, no final, num alambique, o cara te oferece cachaça pra provar...*”. Grande parte dessas citações foram ditas por amigos, os quais haviam ido morar em Florianópolis afim de cursar a universidade como muitos do meu círculo social, entre os anos 2008 e 2010. Na época, eu ainda não tinha me mudado para a ilha, apesar de conhecer a mesma de inúmeras viagens por ser natural de uma região relativamente perto. Portanto, mais detalhes do lugar em específico eram raros e, não sem antes, carregadas de senso comum. Até poucas indicações sobre como se chegar existiam. Aliás, pelo que a lembrança recorda, nem a palavra “Sertão” era presente na conversa desses novos habitantes. Apenas o fato de que era “*um lugar pelos lados do Ribeirão da Ilha*” e “*longe*”.

Contudo, no ano de 2020, e já morando há um tempo na ilha, pude enfim conhecer o tal “Sertão do Ribeirão”. E, claro, mais importante, começar a tirar um pouco dessa ideia vaga que até então permeava a minha imaginação sobre o lugar.

É bom frisar que essa ida até o Sertão não fora com o objetivo de pesquisa alguma. Ela aconteceu através de uma oportunidade: fui convidado a participar de uma roça. Em plena pandemia da “COVID-19” e isolado até aquele momento, acabei abrindo uma exceção - com a justificativa de que o convite de “furar” a quarentena vinha de um colega o qual também se encontrava isolado e que necessitava de uma ajuda. Logo, e garantindo os devidos cuidados, tratei a chance como ideal naquele momento, afinal, era bom poder rever algum amigo próximo - e sair do sedentarismo deplorável que eu me encontrava -, nem que fosse por uns dias. Felizmente assim

---

<sup>1</sup>Forma como alguns dos habitantes, pelo menos os quais se conheceu aqui, se referem ao lugar: utilizando apenas a primeira palavra. E, segundo Tainá S. Gomes (p.26, 2014): “*Foi apelidado de Sertão devido às denominações dadas às subdivisões da localidade, além do momento histórico em que tal localidade se inseria, fora dos rumos de modernização de Florianópolis, mantendo seus aspectos rurais.*”

foi. Pedro<sup>2</sup>, esse amigo, e ex-colega do curso de Ciências Sociais, recém havia voltado para Florianópolis com a família depois de um ano de experiência como agricultor de café orgânico no interior de Minas Gerais. Com a vontade de cultivar aqui na ilha, me disse (via áudio de “whatsapp”): *“E aí, não queria aprender a plantar? Fica uns dias aí e me ajuda. Tô pensando em começar a fazer as “linhas” hoje e aproveitar novembro que é uma época boa.”*

No local onde escolheu morar, na parte central da comunidade do Sertão do Ribeirão da Ilha, ele decidira capinar uma parte do terreno de sua casa e transformar em seu quintal de cultivo – *“para consumo próprio”*, ressaltava ele. Mandioca, feijão, abóbora, tomate, batata doce e milho eram alguns desses alimentos iniciais. Além de tudo, novembro, mês chuvoso para aquele ano, o momento certo. Todos os alimentos seriam cultivados em associação, ou como costumam chamar nesse tipo de agricultura (livre de agrotóxicos), um “consórcio”<sup>3</sup>. A expressão era citada por ele e para me dar algum tipo de orientação, mesmo que “grosseira”, juntei o que ele me explicava com o pouco do que eu tinha me informado a respeito do tema. Um bom começo, talvez, foi entender a prática como um arranjo de plantas cultivadas, próximas às outras, com a intenção de que se beneficiem. Entretanto, de nada adiantaria querer conhecer de fato o assunto sem nunca ter participado de uma roça que fosse, e sem ouvir, ao menos, o que Pedro tinha para me ensinar. Além de tudo, foi através de suas conversas que me interessei sobre essas práticas pela primeira vez. Quando nos conhecemos, através da universidade, ele já realizava cursos de “agrofloresta”<sup>4</sup> viajando pelo Brasil.

---

<sup>2</sup> A fim de preservar a identidade daqueles que não se procurou autorização ou que apenas, por escolha decidida entre autor e interlocutor, se decidiu por proteger essa identidade (como no caso de Pedro e sua família), esta pesquisa optou por usar pseudônimos no lugar dos nomes de grande parte dos interlocutores – foi dada a ênfase na relação das pessoas envolvidas no trabalho e os diálogos que surgiam dessa relação.

<sup>3</sup> *“Consórcio de Plantas é caracterizado pelo cultivo de duas ou mais culturas em uma mesma área e ao mesmo tempo. Essa prática é extremamente importante para a produção de hortaliças, grãos, frutas e outras culturas, pois tem inúmeras vantagens econômicas e ambientais.”* (Leite, C.D e Madeira, A.L, 2017), segundo a definição de “consórcio de plantas” pela Coordenação de Agroecologia do Ministério da Agricultura. Em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/fichas-agroecologicas/arquivos-producao-vegetal/6-consorcio-de-plantas.pdf>

<sup>4</sup> *“Sistemas de uso e ocupação do solo em que plantas lenhosas perenes são manejadas em associação com plantas herbáceas, arbustivas, arbóreas, culturas agrícolas, forrageiras em uma mesma unidade de manejo, de acordo com arranjo espacial e temporal, com alta diversidade de espécies e interações entre estes componentes”.* (Steenbock, W & Vezzani, F.M, apud Brasil (Legislação Brasileira, 2011), p.7, 2013).

Enfim, dado todo esse contexto, “como é participar de uma roça?”. Com vários interesses em jogo e esperando um momento certo para poder sair de um isolamento a outro, fui. Quanto ao resto, eu nunca havia mexido com alguma ferramenta de agricultura na vida.

No início de novembro de 2020 encontrei com Pedro no centro da freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, na costa oeste da cidade, uma das mais antigas ocupações de Florianópolis, a qual beira um mar calmo com tradicional cultivo de ostras e mariscos. E assim fomos. Depois de atravessado boa parte do Ribeirão de carro, uma pequena e estreita rua (de nome Chico do Alambique) o qual parecia uma íngreme servidão num primeiro olhar, servia de acesso para a tal localidade. Em pouco tempo, e cada vez subindo mais, a servidão ia se alargando, virando rua, o calçamento desaparecendo, até se transformar por completo em uma estrada de chão batido. Essa segunda metade do caminho, com lama, terra, pedra e mato alto, seguia até o final. Lembrando que, naquele momento, as futuras obras de pavimentação do segundo trajeto ainda não eram visíveis nesse morro, elas acabaram por acontecer no ano seguinte.

Chegando ao topo, antes de descer a ribanceira, já podia se ver o “Sertão”. Um vale, com um vilarejo entre as montanhas verdes. No topo desses morros, adensamentos de florestas, com o destaque para a presença de inúmeras embaúbas (*Cecropia pachystachya*), ipês amarelos (*Handroanthus pulcherrimus*), içaras - ou palmeiras juçara - (*Euterpe Edulis*) e garapuvus (*Schizolobium parahyba*), com suas copas amarelas se destacando das demais árvores - isso para citar algumas das espécies que Pedro identificava. Continuando, se aproximando do vilarejo, podia-se ver uma igreja ao centro e, ao seu redor, vários lotes de terra, sendo que muitos deles acompanhavam os pés dos morros até se encontrarem com a fronteira da área de preservação permanente. Notável também era a presença de plantações de capim para a criação de animais - “*Capim Napier tudo isso aí*”<sup>5</sup>, me esclarecia Pedro. E antes mesmo de enxergar, pude escutar a presença de gado, ovelhas, galinhas e caixas de som tocando “sertanejo universitário” em alto falante.

---

<sup>5</sup> Também conhecido como “capim-elefante” (*Pennisetum purpureum* e *Pennisetum purpureum schum*), “...é uma forrageira tradicional utilizada na alimentação de rebanhos leiteiros, sob a forma de capineira e, em menor escala, como forragem conservada. Atualmente, é crescente a demanda de informações acerca da produção intensiva de leite a base de pasto, especialmente de capim-elefante.” ([COSER, A. C.](#); [MARTINS, C. E.](#); [DERESZ, F.](#), em série Folhetos, Embrapa Gado de Leite, 2000)

E, sim, talvez algumas roças. Resumindo, um “universo”, uma espécie de vila rural encravada na Ilha, entre o Ribeirão e a Lagoa do Peri, e que se manifesta logo após vencer um morro íngreme, o qual divide o ribeirão (a costa), do sertão, (o vale). O contraste dessa paisagem com as outras que vemos em Florianópolis é grande – principalmente daquelas regiões com adensamentos de prédios e condomínios.

E assim seguimos. Pedro ia me contando suas primeiras impressões sobre o lugar que viera morar. Falava entusiasmado dos vizinhos que ia conhecendo - além de se inteirar do que faziam -; da importância de o terreno já ter casa e galpão feitos anteriormente; das boas áreas para a roça; da quantidade de olhos d’água para o abastecimento; do número de bananeiras que se poderia plantar; de se ter mais duas áreas de cultivo propícias pra *“taioba e inhame, já que tão nessas partes mais alagadas, perto do riacho e daquele olho d’água, consegue ver?”*, apontava ele, demonstrando se acostumar com a empreitada. Refletia sobre o que estava achando, fazendo planos. Estava aliviado, uma vez que conseguira voltar para a ilha de Florianópolis depois de um ano e meio vivendo no interior de Minas Gerais. Com o encerramento de sua experiência com o café orgânico e a vontade de voltar para a Ilha com a companheira e filha, ele encontrara no Sertão o lugar perfeito. Principalmente para a própria necessidade de vida da família, o qual não se desassociava da vontade de ficar mais longe de meios urbanos centrais e da ideia de se aproximar de ambientes rurais menos habitados. Afinal, *“a gente voltou pra uma capital, num lugar que gostamos e não muito longe de cidade... Caso necessite, né? Mas ainda assim isolados, num sítio, perto da praia, de cachoeiras e mato. E ainda posso plantar muito do que gostaria para gente consumir em casa”*. Concluía ele.

Durante os cinco dias seguidos que fiquei no Sertão pela primeira vez, além de ter participado na feitura da roça, conheci vizinhos (muitos deles nascidos e criados na região); fui em cachoeiras; fiz trilhas; visitei um alambique e um engenho. E ainda pude percorrer o outro lado do Sertão, o qual culmina no acesso em direção ao bairro da Armação do Pântano do Sul. Todas as experiências gentilmente feitas em companhia de Pedro, Ana, e a pequena Clara, filha de ambos.

Foram nesses momentos, inclusive, que surgiu a ideia de se poder realizar um trabalho de campo nesses lugares. Um fato que ocorreu através de conversas com Pedro, de fundamental importância. Com ele tive o apoio e a autorização como grande incentivo a se fazer algo sobre tal tema. Logo, com toda aquela pequena

experiência de poder acordar e dormir no Sertão e sendo guiado por uma determinada atividade, o interesse em querer saber um pouco mais do histórico de transformações dessa paisagem, como consequência, foram surgindo.

## 1.1 DESENHANDO UMA PESQUISA: DO SERTÃO A UMA ANTROPOLOGIA DA PAISAGEM

Como fundamento para tudo o que foi exposto na introdução, duas informações foram essenciais para um processo de “desenho de pesquisa” – ou um “roteiro”, melhor dizendo.

A primeira, a de que quando analisamos a paisagem atual do Sertão, vemos que ela não apenas carrega as marcas resultantes da imigração açoriana que remontam o século XVIII – e aqui ela se manifesta, principalmente, na presença dos quintais, pastagens e construções (alambiques e engenhos) - como também no legado dos povos que habitaram a ilha em toda sua totalidade, e em um espaço de tempo muito mais longo que qualquer presença europeia.

Estima-se, atualmente, que desde 5 a 6 mil anos antes do presente, ancestrais dos diversos povos indígenas atuais da região sul do Brasil, sejam eles identificados com características atreladas as culturas Sambaqui, Jê ou Guarani, se relacionaram com essas paisagens. No caso da localidade do Sertão em específico, por mais que a bibliografia ainda seja incipiente quanto informações gerais acerca dos materiais oriundos de possíveis sítios arqueológicos nessa região (sejam eles artefatos, ossos, ou quaisquer evidências sobre manejo, domesticação e uso do solo), a lógica de pensar sua ocupação por grupos humanos no passado é consonante com aquilo que já se produziu de conhecimento arqueológico com o restante da ilha, em localidades como a Lagoa do Peri e suas abrangências, ou na região dos atuais bairros Pântano do Sul e Armação (ambas vinculadas a bacia hidrográfica da Lagoa do Peri), para citar alguns exemplos (BUENO et al, 2021). É correto, portanto, imaginar as possíveis conexões dessas mesmas evidências com toda a bacia referida, incluindo o Sertão e o seu vale. Em suma: desde um passado, que atravessa uma longa duração, essa paisagem é habitada e reconfigurada pela presença humana.

A segunda informação, a de que, no ano anterior a essa ida, em 2019, fora estabelecido uma nova categoria para as diretrizes legais que regem a área, o surgimento do MONA (Monumento Natural Lagoa do Peri)<sup>6</sup> em substituição de lei que definia a classificação da região como “Parque”. Tal evento fora o resultado de uma busca por resistência, atravessado por gerações, pelos habitantes do Sertão no reconhecimento de suas permanências e atividades, as quais, foram sendo restringidas ao longo do tempo devido a importância ambiental da localidade (COSTA, 2024). A mudança na categoria, inclusive, foi um fato que fortaleceu a vinda de Pedro e sua família para cá - suas intenções para o cultivo, por exemplo, se encaixavam perfeitamente dentro das futuras regras de manejo previstas no regimento naquele momento – período anterior ao plano, o qual fora realizado em 2024.

Por coincidência, e já previamente adiantado na introdução, na mesma época em que visitei o Sertão eu passara para a fase final do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, e para concluir o mesmo, necessitava realizar um trabalho final de graduação. Como de costume, a primeira fase desse processo se constitui na realização de um projeto, a ser aprovado por banca. E as minhas vontades para com ele, até aquele momento, eram a de se aproximar de abordagens da área de antropologia através da contribuição de um algum trabalho de campo a ser realizado em Florianópolis. Isto se refere, mais diretamente, ao particular interesse em tópicos como técnica, percepção e ambiente. Temas as quais tomei conhecimento sob orientação do grupo CANOA (Coletivo de Ambientes, Percepções e Práticas), do departamento de Antropologia Social da universidade. Considerando essa possibilidade de linha de pesquisa, foi pensado no início poder realizar uma pesquisa em alguma comunidade o qual se utilizaria de algum método de agricultura específico, mais claramente, o de “sistemas agroflorestais”<sup>7</sup>. O fato

---

<sup>6</sup> Segundo a página da prefeitura municipal de Florianópolis ([www.pmf.sc.gov.br/entidades/floram](http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/floram)), a lei 10.530/19, aprova a criação do Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri (MONA), e tem como intuito: “*Seu conselho e gestão buscarão a elaboração de Plano de Manejo e a implementação de programas e ações envolvendo regramentos de usos; avanços na fiscalização ; projetos de turismo de Base Comunitária ; valorização da cultura tradicional e economia local, com destaque para os engenhos, alambiques e demais iniciativas da comunidade do Sertão do Ribeirão.*”

<sup>7</sup> “*Sistemas de uso e ocupação do solo em que plantas lenhosas perenes são manejadas em associação com plantas herbáceas, arbustivas, arbóreas, culturas agrícolas, forrageiras em uma mesma unidade de manejo, de acordo com arranjo espacial e temporal, com alta diversidade de espécies e interações entre estes componentes*”. (Steenbock, W & Vezzani, F.M, apud Brasil (Legislação Brasileira, 2011), p.7, 2013)

curioso é que o Sertão, antes mesmo de se saber da possibilidade de Pedro ir morar lá, já tinha se tornado de meu conhecimento nessa altura, muito por conta do Sítio Florbela<sup>8</sup>. Conhecido por ser a iniciativa de uma família de introduzir, em parte de seu local de habitação, a prática agroflorestal de cultivo no Sertão.

Entretanto, como a pandemia freara grande parte dessas possibilidades, a dificuldade de se poder realizar tal empreitada veio à tona. Foi aí que essa experiência em se fazer uma roça veio de encontro a situação. “Quase como uma luva”. Diz-se “quase”, pelo fato de o Sertão não ter, em sua maioria, as técnicas e os cultivos aos quais se idealizava aqui - de maneira prévia e desavisada para um primeiro olhar, claro - como no caso do Sítio Florbela. Aliás, olhando de maneira superficial, pouco se conseguiu observar das práticas de roça ou qualquer tipo de cultivo no lugar. No entanto elas existem, mesmo que em um número menor do que o previsto por um viajante de primeira viagem. E nem necessariamente todas as existentes são realizadas por algum método orgânico comumente conhecido. Além de tudo, a preferência por uma outra atividade aqui, como a domesticação de animais (criação de gado e ovelha), por menor que seja, é visível. Com isso, a diversidade de atividades na paisagem, e suas contradições, começaram a chamar mais a minha atenção.

De qualquer maneira, independente da forma como as pessoas se adaptam, o Sertão, pela sua enorme peculiaridade em ser consideravelmente diferente aos outros modos de se viver na ilha, ainda é um lugar onde se habitava, de uma certa maneira, atrelado ao uso constante de atividades diárias relacionadas a terra, com até certa pequena produção. Nem que apenas seja na necessidade de manutenção do terreno da família, ou na resistência encontrada em um tipo de vida específico.

Logo, foi começado a se refletir nas relações que os habitantes e suas atividades teriam, ao longo do tempo, nas mudanças recorrentes a aquela paisagem. Uma vez que o Sertão passa a impressão de ser um lugar que resistiu, de uma certa maneira, a aceleração das transformações que a urbanização

---

<sup>8</sup> Para mais informações, o local possui páginas em redes sociais como o “Instagram” e o “Facebook”. Lá são divulgados os eventos organizados pelo sítio. São oferecidos cursos voltados desde o cultivo em sistemas agroflorestais ou agroecológicos, até aos de aromaterapia e óleos essenciais - isto para citar alguns dos exemplos. O lugar também está inserido numa rede chamada “Acolhida na Colônia” ([www.acolhida.com.br](http://www.acolhida.com.br)), onde a sua página possui mais informações sobre o sítio em questão e de outras iniciativas associadas a rede.

crescente do município imprimiu da década de 70 para cá, principalmente sob os efeitos do turismo:

*Enquanto a cidade de Florianópolis crescia e se modernizava, os habitantes daquela área rural, também conhecida como Sertão do Peri, sentiam apenas os efeitos indiretos dessa transformação. A cidade, frente à expansão da urbanização e de novas economias, viu-se pressionada a modernizar-se e, na falta de uma conjuntura social e econômica propícia para o desenvolvimento industrial, direcionou sua lógica de mercado para o turismo, que por sua vez impulsionou a própria urbanização. (Gomes, T.S, p.1, 2014).*

Isso sem esquecer, é claro, as contradições implícitas no histórico do tema: um local que chegou a ter boa parte de sua cobertura verde desmatada. Em muitas ocasiões, pelos efeitos do mau uso do solo em certas atividades, abandonos e invasões. Iniciativas posteriores como as da criação do Parque Municipal da Lagoa do Peri, em 1981, ao prever a proibição do desmatamento nas áreas de cultivo, aceleraram o processo do ressurgimento de espécies de fauna e flora (matas secundárias) e que correspondem a esse aparente adensamento de florestas nos morros: hoje, áreas de preservação permanente. Contudo, muitas das garantias, orientações e readequações, acerca dos direitos da população que lá já habitava não haviam sido realizadas. Com isso, vale a pena, mais uma vez, citação ao trabalho de Taina Silva Gomes, “*Caminhos Tradicionais de Barreiras do Ribeirão - Ilha de Santa Catarina*” (2014), o qual fora de essencial ajuda na busca por referências históricas do lugar, e que, por sua vez, explica tal situação trazida anteriormente até aqui de maneira mais satisfatória. Mesmo que essa argumentação, no caso, tenha sido feita quando a região ainda era um “Parque Municipal”. De mais, a situação não mudara tanto – pelo menos até 2024, momento de criação do novo plano de manejo:

*Ainda que a mata nativa tenha alcançado um ritmo acelerado de regeneração, desde a criação do Parque poucas melhorias foram feitas em função da permanência das famílias e da conservação das suas respectivas atividades tradicionais. Os*

*projetos de instalação de equipamentos voltados para a educação ambiental e ecoturismo na zona da Paisagem Cultural, não foram realizados desde a sua proposta, na década de 1980. (Gomes, T.S, p.2, 2014)*

Os “lotes” que vemos no Sertão hoje, são, de uma certa maneira, heranças da paisagem de outrora, a qual começou a ser formada ao longo de, pelo menos, dois séculos. Nessas áreas é onde vemos boa parte dos direitos de ocupação devidamente reconhecidos – ainda mais nesse exato momento, através da criação do MONA, trazendo a possibilidade de o direito aos habitantes de poder cercá-los. Anteriormente, mesmo essas regiões já historicamente ocupadas, foram motivos de disputa, e só com a mudança na categoria recente é que a presença dessas famílias passa a ser mais reconhecida do que meramente tolerada (na falta de melhores termos).

Em um primeiro momento, visitando essa paisagem, pode-se dizer que, de fato, se adaptar a ela não é algo simples, ela “dá trabalho” - diria um dos interlocutores dessa pesquisa. Porém, é certo, pelo muito do que foi convivido no Sertão através dessa rica experiência e de sua longa história, que boa parte dos que lá vivem estão dispostos a se relacionar ao ambiente através do que a própria paisagem lhes manifesta.

Considerando as justificativas anteriores, realizei o trabalho de campo com o intuito de se fazer descrições da realidade diária (ou rotina) de quem habita o Sertão, tendo a atividade realizada (a roça) como fio condutor dessa narrativa. Para isso, essa pesquisa pautou-se, principalmente, por uma “observação participante” como instrumento principal. Afinal, são descrições vividas, também, pelo autor.

Deste modo: Como habitam as pessoas da comunidade hoje? E a partir disso, outras perguntas, conseqüentemente, podem ser feitas, como: O quanto as suas atividades são realmente contabilizadas dentro de um esforço para entendermos os diferentes níveis e possibilidades de se “habitar” essa paisagem? Em suma, quais os desafios que os habitantes enfrentam para poder resistir e viver nesse local?

Essa pesquisa visa contribuir – junto com outras disciplinas que já se debruçaram acerca do tema - em um melhor entendimento das potencialidades das

relações humanas e suas atividades em relação a manutenção, ou melhor dizendo, na “cocriação”<sup>9</sup> de uma importante paisagem biodiversa.

Como última consideração, o recorte. Como o Sertão do Peri, em um todo, é de enorme escala, ele estaria fora dos padrões de um trabalho que preza o formato de tese de graduação, tanto no tamanho quanto no contexto que fora realizada (pandemia COVID-19) - além do autor nunca ter tido alguma experiência etnográfica que fosse. Com isso, se optou pelo perímetro de abrangência do sítio de Pedro, e suas relações com a costa do Ribeirão, uma vez que a estrada era muito utilizada.

Enfim, com tudo isso, e descrito todos os pontos a serem considerados a fim de se cumprir com o formato do trabalho no geral, se encerra esta parte preliminar. Na sequência, o trabalho de campo propriamente dito.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A ESTRADA CHICO DO ALAMBIQUE**

Chegar no chamado “Sertão do Ribeirão”, quase ao extremo sul da ilha, não é uma tarefa simples. Seja pela distância ou pelo seu acesso. Quanto à primeira, podemos supor o seguinte: Para quem mora em alguma região central de Florianópolis, como no caso do bairro Carvoeira, nas imediações da Universidade Federal de Santa Catarina, podemos estipular de 20 a 40 minutos de automóvel - na melhor das hipóteses. Por outro lado, se considerarmos a mobilidade urbana da cidade (e seus problemas) - situação comum para habitantes da ilha - uma hora pode ser uma opção recorrente. Agora, uma hora e meia, quem sabe duas, também não seriam nenhum espanto. No caso da última, uma duração de duas horas, é algo completamente possível para quem se utiliza do transporte público da cidade. Causada, em grande parte, pela dependência de uma oferta de horários de ônibus restrita e pelas trocas de plataforma em terminais de integração. Entretanto, o ônibus não chega até lá. Vai até a orla da freguesia do Ribeirão da Ilha e não atravessa o morro que serve de acesso ao Sertão: um dos maiores aclives cortados por uma estrada em Florianópolis.

---

<sup>9</sup> A palavra “cocriação” utilizada aqui não é baseada diretamente a termos utilizados por outros autores e suas respectivas áreas de pesquisa. Neste trabalho ela é utilizada apenas por representar, em melhores termos, uma relação entre seres humanos e outros componentes da paisagem (outros seres etc) na criação da própria paisagem.

Já a bicicleta, duas observações: um bom equipamento e uma boa condição física são necessários, dado a um razoável grupo de ciclistas (devidamente trajados) que, vez em quando, pude testemunhar nos momentos em que estive por lá. Tirando isso, a solução é deixar a bicicleta de lado, e empurrar a mesma junto com uma boa, e longa, caminhada - e seguir subindo, claro, “toda vida”. Outra solução, mais simples, é pedir carona para os que passam. Quanto a essa experiência, lembro de ter a sorte de conseguir algumas vezes. Na maioria delas, sem mesmo pedir, principalmente quando era algum habitante do lugar que oferecia. Todos os tipos de experiência citados aqui, mesmo que através do exemplo de um trajeto, são corriqueiros para os habitantes do Sertão e foram vividos nesta pesquisa.

Logo, com mais detalhes, saindo do bairro Carvoeira, pega-se a Rodovia Aderbal Ramos da Silva, passando pelos bairros da Costeira do Pirajubaé e Carianos (Próximo ao estádio da Ressacada e do Aeroporto); depois, pela Rodovia SC-405, atravessa-se parte dos bairros Rio Tavares, Campeche, Alto Ribeirão (na altura do “trevo do Erasmo”), e Tapera, em sequência; para aí, depois, chegar na SC 405: Rodovia Baldicero Filomeno, a principal via que percorre toda a costa da Freguesia do Ribeirão da Ilha. Ao final, passada boa parte dessa costa, e bem antes da divisa com o bairro da Caieira (próximo a Naufragados), chega-se na esquina da Estrada Francisco Thomas dos Santos (Chico do Alambique), caminho que corta um grande morro que serve de acesso ao Sertão do Ribeirão.



Trajeto “carvoeira-sertão”. Fonte: Autor (2021).

Falando um pouco mais sobre o acesso, e continuando no trajeto Carvoeira-Sertão como exemplo, há duas maneiras para se chegar ao Sertão: A primeira, pela costa oeste da Ilha, a qual fora citada aqui – a mais vivenciada pelas experiências dessa pesquisa -; já a segunda, pela costa leste, se dá percorrendo parte do trajeto anterior. A diferença é que no cruzamento da Rodovia SC 405, entre os bairros do Alto Ribeirão e Morro das Pedras, vira-se para o lado do último, acessando a Rodovia SC 406. Passa-se então, margeando a Lagoa do Peri, por todo o bairro Morro das Pedras e depois pelo bairro da Armação, chegando então na localidade da Armação do Pântano do Sul. Outro núcleo antigo do estabelecimento açoriano na costa, limite ao bairro Pântano do Sul e ao bairro dos Açores, e mais precisamente, perto da comunidade do Costa de Dentro – local onde se encontra um outro pequeno acesso, porém não vivenciado nessa pesquisa. Ambos os acessos dão em uma única estrada, o qual corta todo o Sertão do Peri, e que acaba formando a sua principal via, a já citada Estrada Francisco Thomas dos Santos (Chico do Alambique).



Acessos para o Sertão. Fonte: Autor (2021)

Começado por esse outro lado, o da Armação, o trajeto não possui um grande morro a ser vencido, como no caso do acesso pelo Ribeirão. Entretanto, a estrada é mais longa e sinuosa. Tirado isso, os caminhos de ambas as costas se assemelham pela experiência: em algum momento a rua com calçamento acaba, as casas

somem, e as margens são tomadas por uma floresta densa, com árvores de copas altas, e a estrada se tornando de chão batido e rochosa por completo. Se no outro ponto, o do morro, pôde-se ver ciclistas, aqui, quando se teve a oportunidade de percorrer esse outro acesso, podia-se ver grupos de pilotos de *moto-cross* praticando nessa pista naturalmente conveniente aos mesmos.

Infelizmente pouco se conheceu sobre esses lados. Até porque ela não acabou fazendo parte da análise do trabalho por questões de recorte, como citado anteriormente. Na maioria das vezes, quando se percorreu esse trajeto, foi devido a necessidade em se acessar a costa leste, ou porque a estrada Chico do Alambique, pelos lados do Ribeirão, estava impossível de se trafegar com veículos sem tração 4 x 4. Fato proporcionado por ser um morro íngreme. Claro, não que com o outro acesso, o da Armação, se evitasse atolamentos quaisquer, mas a probabilidade dessa situação acontecer poderia ser menor, devido ao caminho ser um “pouco mais plano” e sinuoso.

Reforça-se aqui o fato de que ambas as localidades correspondem a núcleos de povoamento antigos na Ilha, a da Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, na costa oeste, e da Armação do Pântano do Sul, na costa leste. E que se desenvolveram quase ao mesmo tempo, a partir do final do século XVIII. Sendo o Sertão do Ribeirão uma das principais comunicações entre esses dois pontos, através do que hoje se conhece como estrada Chico do Alambique. Logo, desde o começo se tornara uma rota importante de trocas para o comércio. Nas costas leste e oeste, a prática da pesca era preponderante, com destaque para o fato de o bairro da Armação ser um núcleo associado a atividade da caça de baleias. Já o Sertão, ficara conhecido como um local vinculado a produção de farinha, através da quantidade de engenhos e da presença de lavouras de mandioca, café, cana, milho e feijão. Muitos caminhos alternativos foram abertos em suas dimensões para que a comunicação entre as duas costas pudesse acontecer. Deste modo, a circulação de pessoas, a troca e o escoamento de produtos entre o Ribeirão da Ilha, Lagoa do Peri e Armação, de uma certa maneira, também passava pelo Sertão do Ribeirão (Gomes, T.S, 2014).

Nessa minha primeira ida também, pude perceber que alguns nascidos e criados na Ilha nunca sequer chegaram ir até o Sertão. Outros, mal ouviram falar. “*Como assim lá pra dentro?*”, me perguntava um motorista de Uber nascido no Centro, torcedor do Avaí e morador do bairro Carianos, próximo ao aeroporto. Eu

argumentava dizendo que para além do morro que costeia a orla da freguesia do Ribeirão da Ilha havia uma comunidade. *“Ah, atravessando tudo aquilo? Tá, acho que já ouvi falar. Mas como é que se chega?”*, perguntava ele. De fato, mesmo para quem conhece muito bem o Ribeirão como ele, achar o tal acesso poderia ser confuso. Afinal, a tal estrada que faz o percurso, em seu começo, lembra muito uma pequena rua, uma espécie de servidão.

Tão confusa para um visitante de primeira viagem, que também lembro de delimitar a casa de outro torcedor do Avaí como referência, o qual era um pouco antes da esquina do acesso a estrada Chico do Alambique. Uma morada, pintada de branco, tendo o escudo do time desenhado em cima, centralizado. Somado a isso, pude ver uma outra casa com uma bandeira do Avaí hasteada, e outra, também de fachada azul e branca, com pequenas estátuas de leões (mascote do time) no alto de um portão de ferro. Constatções que, além de tudo, me fizeram crer que do Carianos (na altura da região do estádio da Ressacada e do aeroporto) ao sul de toda a ilha, o “território” é avaiano.

Pedro encontrou comigo de carro, um pouco antes desse acesso para o Sertão, na região da igreja da Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, no dia 5 de novembro de 2020 (data da primeira foto), mais ou menos as onze horas da manhã. Dali, ele me daria uma carona para o Sertão, desde que passássemos no mercado antes: *“É bom aproveitar que desci de carro pra fazer umas compras. A gente tenta sair pouco lá do Sertão, e agora, já que ia te dar carona pra subir o morro, dá pra ir no mercado, né?”*, explicava Pedro. Os comércios por perto eram pequenos, com um preço mais alto do que em supermercados ou atacados. Sempre que ele precisava de uma compra maior, e com isso economizar, era mais vantajoso ir até o atacado mais próximo e realizar uma compra grande. Isso significa que acabei fazendo parte do percurso de ida novamente, antes de, enfim, conhecer o Sertão.

Feita as compras, voltamos. Pude aí notar mais um pouco do Ribeirão. Nesse caso, a existência do Canto do Rio F.C, clube de futebol de várzea famoso na região, o qual a sede fica no caminho, perto do começo da entrada da Freguesia. Ali paramos para um dia de feira que ocorria em suas dependências. Algumas coisas, especialmente legumes e verduras, seriam compradas. Iniciativa comum a Pedro, incentivado a comprar produtos orgânicos. Aproveitei e dei a minha mão, ajudando na compra do que seria também destinado a mim. Ficar no Sertão, por uns dias, sem precisar se deslocar muito, envolve se fazer uma boa “dispensa”. Combustível,

energia e consumo de tempo precisam ser contabilizados, principalmente para quem precisa realizar atividades diárias naquele local. Pelo menos, até a roça futura dar os seus primeiros resultados.

Na principal via que corta o Ribeirão, perto do meio-dia, os restaurantes de ostras e frutos do mar da orla da Freguesia começavam a encher de visitantes. Assim como os pontos de venda de peixes e frutos do mar, próximo aos locais de pesca. É no final de semana, a partir desses horários, que o movimento do Ribeirão aumenta, se tornando atípico em comparação aos outros dias. E assim seguimos, saindo do perímetro do centro da Freguesia, e continuando até chegar à esquina da rua de acesso ao Sertão.

Subi a estrada do morro do “Seu Chico do Alambique”, pela primeira vez, de carona no “uninho”(ou “unêras”, dependendo da conversa): um Fiat “Uno” usado, ano 2012, quatro portas, “meio prata”, sempre ambientado com uma compilação de “lados b” de Tim Maia – pen drive costumeiro em sua trilha sonora. E tudo isso sempre na base da gentileza de Pedro, seu dono. Desde o começo de minhas idas ao Sertão ele sempre dava essa ajuda quando podia, com o seu fiel companheiro de muitos quilômetros rodados, de Minas até Floripa. Apenas em algumas vezes que acabei retornando ao Sertão, e por questão de pesquisa, fiz questão de fazer a pé a tal subida. Como nesse momento era a minha primeira vez indo ao lugar – e provavelmente por causa disso - Pedro me realçava a generosidade. No dia anterior, em conversa por áudio, perguntado sobre subir o morro a pé ou de bicicleta por mim, o mesmo, enfático, já dava o recado da empreitada:

*“Cara. Então. Subir dá sim, claro. Cê consegue. Agora de bicicleta, esquece. Você tem uma bicicleta, né? Mas até já vi um pessoal colando pros lados daqui. Só que era aqueles grupos de ciclistas, sabe? Outro equipamento. Fora o preparo. No final das contas você vai ter que deixar a bike de lado e vir caminhando, puxando ela. Fora que, sei lá, eu imagino que você vai trazer uma mochila... E, mano, eu te pego no Ribeirão, ali no centrinho pode ser? E daí já aproveito e a gente passa no mercado, tá faltando coisa aqui... Esse negócio de subir a pé, já fiz, eu e a Ana - (companheira dele), fomos esses dias. A gente chegou a ver o pôr do sol que é irado aí (na estrada). Tem um mirante no caminho (risos).”*

*“Mas enfim, cheguei a ficar uns dias sem carro. Coloquei o unêras pra arrumar umas coisas. O carro tá com uns problemas. A Ana, por exemplo, andou atravessando o morro a pé pra ir pro trampo algumas vezes. Ela vai de bota e tudo.*

*A moral é que do Sertão pro Ribeirão é mais fácil do que ao contrário. Enfim, a ida, vindo lá debaixo, é que dá uma canseira.”*

E de fato, a subida era grande. Poderia se dizer que a noção, para um desavisado que está embaixo, é de que parece improvável que aquela servidão venceria tal empreitada. Da costa, é possível reconhecer o paredão de morros que contorna os limites da Freguesia do Ribeirão, e é justamente por isso que é difícil de imaginar que haveria um acesso direto, começado daquela maneira. Na sua esquina, entre um casarão aparentemente vazio, de terreno com mato alto não podado, e uma pequena casa residencial habitada, há uma pequena placa da prefeitura: “Estrada Francisco Thomas dos Santos (Chico do Alambique)”. Perto também havia um bar (útil como referência), o “Bar do Galo”. Local que, segundo Pedro, podia-se ver alguns habitantes da região marcando ponto.



Placa da Estrada Francisco Thomas dos Santos (Chico do Alambique). Fonte: Autor (novembro 2020)



Começo da estrada, uma aparente “servidão” de início. Fonte: Autor (novembro 2020)

Enfim, de cara para o acesso, Pedro dizia: “*É aqui*”. O caminho se inicia então como uma rua pequena, estreita, de duas mãos. Onde mal se pode passar dois carros por vez. A partir disso ela segue calçada por lajotas, aumentando um pouco sua largura à medida que se avança. Uma boa quantidade de pessoas mora nessa parte da estrada. O movimento nesse dia era pequeno, como quase sempre, e os portões da maioria das residências se encontrava aberto. Alguns moradores lavando seus carros, outros conversando nas calçadas, crianças jogando bola e algumas dezenas de cachorros pela via. Também, nesse início, havia uma estrutura de alvenaria coberta, que se assemelhava a um ponto de ônibus, porém, com uma torneira no meio. Local de uma bica d’água potável, feita pela comunidade, com a estátua de Nossa Senhora ao centro. Pedro dissera que muita gente vinha buscar água ali: “*Às vezes vejo um pessoal de caminhonete com vários galões vazios pra encher aqui*”. Ao lado da bica, uma pilha de madeiras velhas e secas deixadas por

algum morador. Pedro, automaticamente, parara o carro: “*Me ajuda com essas madeiras aí? Tô pensando em usar elas pra colocar os sacos de esterco em cima, pra tapar com lona depois... Preciso de um desse pro chão do galpão.*” Situação muito comum nas caronas com Pedro para fora do Sertão, em idas ao mercado ou em lojas agropecuárias. Sempre atento, ele costumava olhar as margens das vias no intuito de achar alguma coisa que pudesse reaproveitar para seu sítio.



Começo da estrada pavimentado por lajotas. Fonte: Autor (novembro 2020).

Voltando ao carro e seguindo o trajeto, Pedro continuara: “*Ah, sobre esse Chico: Esses dias fui num outro caminho, no topo desse morro, antes da descida pro Sertão. Virando à esquerda, tem uma estrada que te leva até o terreno desse Chico. Ele foi um alambiqueiro famoso da região, que já morreu. O Adílson, meu vizinho, que tem um alambique perto de casa, conheceu ele, é parente dele. Falou que do terreno do Chico tem uma vista linda da ilha... Eu e a Ana acabamos indo um dia desses, o portão tava aberto...Deu pra ver que o lugar é surreal... Tem dois açudes, uma floresta densa, com uma vista da Lagoa do Peri de um lado, e do mar do outro. Aliás, dá pra ver o mar dos dois lados da ilha, além do Sertão todo lá de cima.*” Imaginei que, talvez, a fama do lugar possuir alambiques poderia ser muito atribuído

a figura de Chico. Aliás, a própria estrada fora batizada em sua homenagem e as referências quanto ao mesmo não paravam de surgir a partir do momento em que eu ia conhecendo alguns dos habitantes, principalmente os mais antigos.

Nessa altura do caminho já havíamos subido um bocado, com a rua Baldicero Filomeno, que costeia o Ribeirão, podendo ser vista de cima. Até esse momento a estrada seguia sendo de lajotas, com casas de todos os tipos em ambos os lados da rua. Casas que davam o aspecto de terem sido construídas há um certo tempo. Muitas eram grandes, além de possuírem, geralmente, uma invejável área verde no quintal, com vista para a costa. Logo depois desse trajeto, quando a extensão da rua já era considerável até aqui, a estrada - “agora sim” -, “de fato”, começava. *“É aqui que o bicho pega”*, ia avisando Pedro, trocando a marcha do Uno. E se não me falhe a memória: a primeira viagem já veio com algumas “deslizadas”. *“Normais”*, assegurava Pedro, tranquilo. Nessa parte o calçamento de lajotas acabava, quase que na altura da última morada da rua, e a partir dali um segundo trajeto se iniciava. Bem diferente. Uma estrada de chão batido. No lugar das casas, árvores de copas altas. Embaúbas, Garapuvus, Jerivás... Em vez do calçamento, muita terra e rocha, agravadas pelo dia anterior devido à chuva. *“Pra carroceria do carro é complicado... Galera aqui no Sertão costuma investir num carro 4 x 4. To pensando em vender esse carro, pra comprar uma L-200 usada... Já judiei demais desse Uno”*. E pra mostrar um pouco mais da sensação de uma pessoa atravessando esse morro – independente do veículo que ela esteja, ou até mesmo a pé -, gostaria de trazer alguns momentos, os quais aconteceram em outras oportunidades visitando esses lados.



Segunda parte do trajeto: “lama, pedra e mato”. Fonte: Autor (novembro 2020)

O primeiro se deu com alguns amigos. Eles também, visitantes. Em um sábado, local de mais movimento pelos lados do Ribeirão, o acesso se encontrava congestionado. Estávamos com um carro normal, sem tração nas quatro rodas. No meio do caminho, vários carros se encontravam parados, esperando os da frente se resolverem: no final das contas, os carros que prosseguiam, “patinando”, demoravam um certo tempo com as manobras. Já outros, ficavam pelo caminho, restando que os da fila, mais atrás como nós, tivessem que esperar para que os “desafiantes” da frente conseguissem, enfim, desistir e dar a volta. Os que voltavam do Sertão - em sua grande maioria com carros 4x4 - ao serem perguntados por nós

sobre como estava o trajeto mais além, respondiam com um sinal negativo pela janela. Mesmo assim, seguimos viagem. A solução foi estacionar o carro perto do primeiro mirante da estrada, como alguns outros motoristas que insistiam no trajeto. E com isso, seguir a pé, terminando o morro, descendo até o Sertão – entulhados com sacolas de cerveja, carvão e mochilas.



Curva antes do mirante, com cones de sinalização marcando área remexida pela chuva nos dias anteriores. Fonte: Autor (novembro de 2020).

O segundo se deu com Pedro, mais habilidoso por já estar ambientado com aquela rotina. De “unêras”, como na maioria das vezes, subimos o morro depois de

um dia de chuva, mais uma vez. O caminho, feito quase que por completo por derrapadas, com direitos a utilização do freio de mão do carro e um volante firme do motorista, ficava quase que impossível. Em determinado momento, com o carro já desgastado, não era possível continuar devido à falta de tração nas rodas dianteiras para uma subida tão íngreme - uma reta que se encontra depois do primeiro mirante. Pedro, já acostumado, aprendera um macete com sua vivência no campo, em Minas Gerais. No caso, virar o carro de ré e acelerar, utilizando a tração existente nas rodas traseiras. E assim fomos subindo o morro todo, de ré, sob curvas, com a necessidade do motorista se apoiar com uma das mãos no volante, e outra com metade do corpo para fora do carro afim de se orientar direito. E, provavelmente, depois de terem acompanhado a cena de várias pessoas desistindo naquele dia no morro, uma família, que estava de visita no mirante, batia palmas. De uma certa maneira, realizados com a "vitória" de Pedro - De dentro do Uno, som regado a Bob Marley e algumas comemorações.



Mirante. Fonte: Autor (novembro de 2020).

O terceiro e último, se deu com Pedro e Ana já dispendo da já citada caminhonete “L-200” - naquele momento anterior, apenas um plano de aquisição. Ele me contara que Ana, depois de um dia que a rua do início estava com uma quantidade de terra considerável, empacara com o carro exatamente na metade do caminho, quase ao final da rua de calçamento. Em uma das casas ao lado – justamente uma dessas grandes, com área verde destacável -, um vizinho se dispôs a ajudar.

A casa que ele morava já me chamara a atenção antes. Possuía, em seu quintal, um cilindro comprido de metal, das dimensões de um tonel, o qual ficava deitado, suspenso por uma estrutura simples. Intrigado com minha dúvida sobre o

que seria aquilo, Pedro me explicara: *“Então, aquilo lá é pra secagem de bambus... Dá pra colocar o bambu inteiro deitado, lá ele fica mergulhado com alguns produtos. É tipo um “anti-fúngico. Aliás, eu acabei conhecendo o pessoal que mora aí esses dias por causa da Ana. Aliás, você ia gostar de conhecer o Zé. Ele mora há muito tempo por aqui, falei que você queria fazer um trabalho sobre o Sertão, ele disse que poderia ajudar. Inclusive já ajudou um pessoal com isso por aqui...”*

Como o Zé conhecia de caminhonetes, ele acabara ajudando Ana naquele dia. E assim se conheceram. Por coincidência, ele tinha uma amiga em comum com o casal, e assim também acabaram fazendo amizade. Devido a essa sorte acabei conhecendo o Zé, e com isso, através de Pedro, ele acabara se tornando um interlocutor para esse trabalho. Marcamos uma conversa então, para duas oportunidades. A primeira, em época de pandemia, à distância, via chamada de vídeo. A segunda, presencialmente, em sua casa. Dia que ele e seu irmão - o qual lida com a secagem de bambus de antes – nos receberam, eu, Pedro, Ana, e Clara, de maneira muito gentil, em uma tarde inteira muito agradável. Logo, com isso, e já encerrando esse capítulo, inicia-se um pequeno interlúdio com conversas que tive com Zé sobre suas próprias memórias, e a estrada Chico do Alambique, para depois voltarmos a narrativa sobre a conclusão da estrada e o início da experiência de roça no Sertão.

## 2.2 INTERLÚDIO: ZÉ E SEO CHICO

José Verzolla, o Zé, 60 anos, natural da Ilha, convive com aquela paisagem desde criança. Herdou, junto com o irmão, a casa dos pais no Ribeirão, à beira da estrada Chico do Alambique, onde passava todo o verão. Muito simpático, e amante de uma boa conversa, me atendeu, pela primeira vez, via chamada de vídeo em uma época de pandemia da COVID-19. Sem nunca ter me conhecido, já engatou a conversa de uma maneira agradável e despojada, da sua rede de balanço. Logo, em pouco tempo, cada um com um copo de cerveja na mão - sugestão dele -, e pela tela do celular, acabamos conversando por quase duas horas. Um dos motivos que fizeram com que o entrevistador, no caso eu, tivesse problemas em gerenciar um pequeno caderno com anotações à medida que ele falava, pois, as informações eram muitas. Tentou-se reunir aqui as questões mais fundamentais ligadas a estrada e de sua relação com o Sertão. Tudo isso, sem necessitar de perguntas

muito elaboradas, ou que obedecesse a algum rigor severo no andamento da entrevista.

P: Sim, um trabalho das Ciências Sociais, na área de antropologia... Vim ver um pouco da história sobre o Sertão, e as atividades que o pessoal realiza aqui. Você mora há muito tempo aqui nessa estrada? Ainda trabalha?

R: *“Tu é da UFSC então... Pois é, guri, me formei lá, nos anos 80 ainda. Fiz Geografia. Trabalhei na Celesc, como geógrafo, durante muito tempo. Na verdade, fui da área de hidrologia, até ficar um bom tempo na função de instalação de energia foto voltaica pelo estado. Me aposentei novo até, já faz mais de 10 anos, e aí que decidi vir morar pra cá. Vivo com a renda da aposentadoria e ainda faço uns trabalhos, sozinho, com instalação de energia voltaica com a experiência que adquiri lá na Celesc.”*

P: Então você veio morar pra cá depois?

R: *“Eu não morava no Ribeirão, nós éramos do Centro. Aqui, na realidade, era uma casa que meus pais tinham para a gente vir passar o verão. Foi assim que conheci, vinha desde criança passar os últimos meses do ano, e só voltava ali para final de fevereiro do ano seguinte, quando começava as aulas.”*

*“Claro que, por conta da casa, sempre vim pra cá, mesmo na adolescência e depois como adulto, até vir pra cá de vez depois de aposentado com meu irmão. Frequentei muito o Sertão por causa disso. Era muito legal trazer os amigos, mostrar as cachoeiras. Reunia todo mundo, atravessando essas trilhas aí. Isso antes da estrada existir...”*

P: Você falou de trilha aqui também, na estrada... Como assim, não era estrada antes?

R: *“A estrada só começou a existir ali pra final da década de 70, eu acho. Até então, todo esse morro era cortado por trilhas, vários caminhos que a gente fazia aí pra dentro. Pra te falar a verdade, não lembro com muito detalhes desses caminhos também. Com certeza antes de 70 não era uma estrada. Mas o pessoal usava mesmo assim, vinha vender aqui na costa, do jeito que o caminho era. Lembro do Seu Apolinário... Conhecesse ele, por acaso? Um senhor, cabeça branca já, bigode...Ele tá sempre caminhando pelo Sertão, capinando a beira de estrada. Nessa época lembro dele vender algumas coisas pros lados daqui. Vinha de burro, com balaio. Dois cestos, um de cada lado... Pessoal vinha vender o que produzia lá, coisa que plantava, e madeira pra carpintaria também...”*

*“Aí, depois, abriram uma primeira estrada. A diferença é que essa era mais sinuosa que a de agora, menos íngreme. Principalmente pra facilitar pros carros de boi. Só depois que fizeram esse desenho atual. O problema, é que em vez de considerar o que tinha sido feito antes, na primeira estrada, um engenheiro lá, sei lá, foi lá e meteu uma reta bem íngreme, sem curva nenhuma... Sabe aquela reta grande, depois do primeiro mirante? Então, aquilo lá foi um erro, na minha opinião. Por isso que o morro é bem difícil nessa parte, e muita gente desiste, dependendo do carro. E agora que tão terminando de asfaltar, calçaram ela com essa reta mesmo... aí já era. (risos)”*

P: Conheci esses dias a servidão dos Tucanos, o qual você comentou... Fiquei curioso quanto as servidões todas lá, os caminhos... Isso tudo já era o desenho das vias do Sertão na época que você começou a frequentar aqui?

R: *“Isso, acho que é a servidão dos Tucanos... Então, ali também já existe faz um tempo, onde tá aquelas casas. Essa região, inclusive, chegou a ter um sítio de alguns parentes meus. Minha família, em grande parte, é natural daqui. Meu tio morou muito tempo no Sertão, até acho que algumas famílias ali são parentes meus, distantes... Enfim, quando eu lembro dessa época de adolescente, quando meu tio tinha um terreno ali, grande parte dessas vias já existiam. Aquele bar ali, é o bar do Nelinho. Figura conhecida, de muito tempo do Sertão. Fui muito ali, e olha, ainda existe, cara... Ali é bom pra tu chegar, como quem não quem nada, tomar uma cervejinha, e puxar um papo com o pessoal ali. Com certeza os moradores mais antigos batem muito ponto lá. Vão te contar muita história daqueles cantos...”*

*“Dessa época também lembro de algumas festas da comunidade. Época da farinha, que a gente ia muito no engenho do Zé, ali pros lados do Indaiá, onde tem o alambique do Adilson hoje... Nos cantos do Nelinho, acho, fui muito em festa do Divino Espírito Santo, Terno de Reis... O Seu Apolinário era um dos que movimentava muito a vida cultural ali, digamos. Eles tinham um grupo que tocava Terno de Reis, com viola e rabeca. Seu Apolinário era o cara da rabeca, lembro disso... Lembro de uns bailões, de festa do pessoal da igreja ali... Muita gente ainda mora no Sertão, muitos dos filhos do pessoal de antes continuaram morando lá.”*

*“Aliás, teu trabalho é sobre o que mesmo? Não sei se minhas memórias aqui ajudariam, e além de tudo, eu não moro lá no Sertão, apenas na estrada que vai até lá... (risos)”*

P: Começou porque andei ajudando o Pedro numa roça no terreno dele... Aí, acabei sabendo do MONA, e do local há muito tempo ser ocupado...

R: *“A, sim! Pois é, o Pedro é muito gente fina, né? Ele, a Ana, e a pequeninha... Ele ficou de me mostrar um café dele, inclusive. Tomo muito café... (risos). Falou que produzia café orgânico no sul de Minas, e tava voltando pra Floripa... Diz que tinha alguns cafés ainda pra torrar e ensacar. E legal saber que ele ta plantando ali, cara. Lembro dele falar, de gostar de plantar, né?”*

*Pois é, e o Sertão tem muito do que você vê hoje sim daquela minha época. Claro, algumas coisas mudaram. Mais casas surgiram com o tempo. Mas, de uma maneira geral, mudou pouco se comparado a outros lugares sim... Assim, você falou de atividades, né? Realmente, tinha muito mais engenho antes, por exemplo, alambique também... Aliás, você já foi ali no Sertão dos Indaiá? É um lugar do Sertão, perto ali do Pedro, na mesma direção tem o engenho do Zé... O Adilson fez, faz um tempo já na verdade, um alambique ali. Muito legal o espaço dele ali, cara...*

*Agora, antes, o mais famoso com certeza era o Chico. Sabe, do nome da estrada aqui? Quando eu conheci o Chico eu era criança ainda. Ele era bem conhecido aqui na região toda. Muitas vezes via ele, seja lá no alambique, ou aqui embaixo, ou sempre atravessando a estrada aqui... E como eu posso te dizer... Ele me passava a impressão daquele filme... Um do Kurosawa. Que o personagem principal fica perdido numa mata, e conhece meio que um morador da floresta, um sujeito completamente em sintonia com aquele tipo de vida, apto a sobreviver ali e tal... “Dersu Uzala” ... Lembrei, esse era o filme. O Chico me passava a impressão de ser meio que esse ermitão do filme, um “Dersu Uzala” aqui do Sertão (risos)... Ele tinha uma frase famosa, que todo mundo que conhecia ele sabia. “Não foi Deus que criou o mundo, foi a Divina Providença”. Até fizeram um documentário dele, na época. Acho que tem pela internet... Vale a pena ver. O Chico, desde as minhas primeiras lembranças, tinha uma coisa com “entidades”, sabe? Não sei como explicar (risos). Enfim, mas uma relação muito profunda, que ele fazia questão de dizer, com a árvore, a terra etc. Eu gostava muito dele, a gurizada toda, principalmente.”*

Do topo desse mesmo morro, em que a via que o corta leva hoje seu nome, Chico viveu. A localização do seu antigo alambique se dá através de um outro caminho, e através de uma bifurcação: seguindo reto (para quem vem do Ribeirão) há uma descida em que a estrada continua levando até o Sertão. Porém, virando à

esquerda, ao topo, em uma outra estrada longa, também de chão batido, segue-se até as encostas do Sertão do Indaiá, uma das “sublocalidades”, por assim dizer, do Sertão, e onde se encontra hoje, ao fundo desse vale, o Alambique Indaiá de propriedade de Adílson - O sítio de Chico ocupava o topo dessa mesma encosta. Logo, pode se notar, com esse exemplo, a existência de uma linha de antepassados que há muito tempo ocupava a paisagem do Sertão atrelado a certas atividades, através do domínio pela técnica do engenho, tanto para a destilação de cachaça, quanto para produção de farinha. Ambos, puxados por boi. Além da feitura, necessária, das roças para subsistência.

A relação com a necessidade por essa atividade, nem que seja para a sobrevivência ou por uma busca de resistência atrelado a um estilo de vida específico, é um exemplo claro do que se observou e se escolheu destacar nesta pesquisa. Desde o plantio e a colheita de cana, a produção de cachaça, a feitura de roças... Em suma, a vida de Chico era completamente associada ao Sertão desde o nascimento.

E para querer manter-se nessa terra, “*tem que trabaíá*” - frase dita por ele no curta-metragem “Seo Chico, terra e alma”, de Rafael Mamigonian: “*A terra foi feita pra criação e plantação. Tem que trabalha pra manter. A terra que alimenta vem do agricultor.*” Ou, quando perguntado sobre a necessidade da atividade: “*Claro que sim... obrigado a viver de lavoura. Porque (ter) o que comer, (como) viver. Isso aqui é que é lavoura, meu amigo. Se não tiver, como é que a gente vai ter como aguentar?*”.

Na sequência, e usando como exemplo uma história de família, remontando alambiqueiros que sempre viveram naquela paisagem, Chico explicara que o avô havia perdido toda a sua produção devido a uma lei (antes mesmo da criação do parque, em 81), o qual exigia dos trabalhadores um imposto a ser pago para poder se ter autorização a prática alambiqueira. Como não tinha condições de continuar com tal empreitada, o avô quebrara o “capacete” (estrutura de barro usado na destilação) a fim de provar ao fiscal que não continuaria mais com a produção de cachaça. Chico, através disso, concluía:

“*Camarada vive da roça, como é que pode aparar sem trabalhar? Um pobre coitado tem que pagar ainda pra, né (viver/habitar/trabalhar na terra) ... Agora, tudo bem, não pode é estragar um mato sem aprantar... Tá errado. Mas aí vem um sujeito*

*desse, e diz que num poder botar roça?! Essa é a lei mais porca que existe, a coisa mais porca que existe debaixo do solo!”*

E como adiantado por Zé, conhecendo o próprio Chico, é, de fato, notável a visão de mundo apresentada através de sua crença na “*Providença Divina*”, falada pelo autor, nesse importante documentário. A explicação dada por Chico, que diz respeito ao sentido da existência, tem por base a pré-existência da terra, antes da vinda humana, e antes mesmo de Deus. A frase, por inteiro, e falada dentro do seu próprio contexto diário, é essa:

*Porque quando Deus veio, o mundo já tava feito. Se não viesse, não podia tá no mundo para ele andar por cima... E nós viemo tudo aqui pro mundo pela “Providença Divina” Não fosse a “Providença Divina” não tinha nada. Acho eu assim. Na minha fraca idéia, sabe como é?*

Para adicionar mais uma camada a esse importante registro das descrições de Chico, o qual é relacionada, em grande parte, a sua visão de mundo, vale a pena citar também o curta metragem “A Visita”, feito em 1991, por Claudia Aguiyrrre. O filme traz uma narrativa conduzida por uma visita realizada ao sítio de Seo Oscar, importante figura daquelas paisagens, contemporânea a Chico, e habitante do Sertão pelos lados da servidão dos Tucanos – se a interpretação do autor aqui estiver correta quando se analisou o curta -. Com isso, trago uma descrição, sob um viés ontológico, da fala de Seo Oscar, trazida nesse filme:

*“Existe muita gente que diz que não existe Deus, que não acredita em Deus... Quem é que botou um mundo maravilhoso desse... o verde, o vento que não se vê, a água, tudo? Tudo trabalha! Mas ninguém vê... Os animais, os passarinhos, tudo quanto é vivente (trabalha). É um projeto, que ta aí pra ser (continuado) terminado...”*

Tal como Chico, a plena consciência sobre a relação de trabalho inerente ao solo que convive diariamente, além de uma visão, digamos (e na falta de outros termos), “ecológica” e particular - tal como é a própria paisagem particular que é o Sertão -, trazidas, em certa medida, pelo cristianismo, de um lado, e por uma visão sistêmica de mundo, do outro (afirma os outros seres, afirma a presença do “verde”, da terra para o cultivo...), é preponderante e notável.

Em todo o momento dessa pesquisa, e considerando a informalidade das conversas em que essa tese de graduação se baseou, o termo “trabalho” ou “tem

que trabalhar” era quase onipresente. E aqui, falo do “trabalho” inerente a rotina de se habitar tais paisagens. Trabalhar para permanecer, habitar e continuar.

### 2.3 A ROÇA



Vale do Sertão, visto do sítio de Pedro. Fonte: Autor (novembro 2020)

Pedro viera morar nessa região em um sítio, o qual já existia antes dele chegar. Segundo ele, o antigo responsável do lugar foi também quem trabalhou na terra anos atrás para que ela tivesse a configuração atual. O terreno é cercado, começa em uma baixada, o qual é cortado, na sequência, por um riacho com uma pequena ponte de madeira instalada. Logo depois o terreno começa a subir, acompanhando o morro, sendo intercalado em dois momentos por dois pequenos “*platôzinhos*” - maneira como Pedro se referia a esses pontos: “*São essas duas partes planas do terreno, onde tá construído aquele galpão e a casa atrás, tá vendo?*”, me apontava ele. Sobre a dimensão do sítio, ele possui uma extensão comprida e se encerra no topo do morro, no limite com a área de preservação. A

divisão entre as duas áreas é feita por uma cerca alta, separando o lugar permitido para a ocupação humana, do restringido. Voltando aos “platôzinhos”, e assim como já falado por Pedro, são nessas áreas também que se encontram duas construções: mais especificamente, um galpão de madeira (no primeiro nível), onde estão guardadas as ferramentas para a capina e o cultivo; e a casa (no segundo nível), com uma notável área ao ar livre ao lado, com destaque para uma antena parabólica e algumas árvores frutíferas plantadas – grande parte delas variantes de espécies de *citrus*, como as laranjeiras e os limoeiros.

Pouco abaixo do primeiro “platô”, onde está o galpão, há uma área cercada destinada ao cultivo. Previamente feita pelo antigo morador. Lugar íngreme, mas *“interessante pra plantar”*, observava Pedro. *“Então, aqui que tô pensando em fazer a roça. Achei bom resolver essa primeiro do que começar plantando na baixada, que é mais fácil. E, também, penso em fazer uma outra horta lá. Aqui, no caso, é bom por causa da iluminação, quero plantar mandioca e algumas outras coisas rústicas, como abóbora e batata doce.”* Pedro também já tinha capinado a área central pensando nisso. Nas laterais existiam algumas árvores, muitas delas frutíferas, como limoeiros, laranjeiras, goiabeiras e um pessegueiro. As restantes, grande parte era da espécie “baga de pombo”, muito encontrado pela ilha e frequente aqui no Sertão. Ao que parecia, o antigo morador havia cercado essa parte do terreno para plantar, na sua grande maioria, espécies frutíferas, um “pomar”. Pedro, por sua vez, queria manter as que já tinham e ainda fazer uma roça com outras espécies de cultivo. Tudo isso através de “linhas”, no centro, onde antes o capim havia tomado conta - depois do abandono da área de pomar pelo antigo morador. O lugar também era de melhor acesso ao galpão, onde ficava o estoque dos utensílios no geral.

Entre o galpão e pouco abaixo da casa de madeira onde ele morava, havia outra parte íngreme, também cercada. Dessa vez com muitas árvores, algumas também frutíferas (pitangueiras), acompanhadas de rochas grandes e totalmente expostas. Ali ficava um galinheiro, com sua pequena casa de madeira para abrigo, alimentação e choco dos animais em uma das laterais. Ao todo, ao menos 20 galinhas viviam naquele recinto cercado e espaçoso. O solo dessa parte é escuro e arenoso, além da área prover uma boa quantidade de sombra devido à presença das árvores. *“Lugar ideal”* para as galinhas, realçava Pedro. Elas conviviam soltas dentro daquele espaço, sendo que algumas já haviam aprendido a subir em algumas dessas árvores – Pedro, aos poucos, já sabia da presença de cão do mato na região

e da possibilidade de eles estarem entrando no cercado por causa das galinhas. Tempos depois, à medida que eu visitava o Sertão em inúmeras oportunidades, uma galinha, ou duas, haviam sumido. No final de um ano, sobrara apenas uma, apelidada, carinhosamente, de Eva – “viúva” do galo Adão. “*‘É, se for a cerca, só vou conseguir arrumar depois. Por conta da grana to com outras prioridades agora... Galera fala de ter cachorro aqui, justamente pra espantar cão do mato etc. Mas não quero cachorro agora não*”, dizia Pedro, já naquela época.

Enfim, dadas as apresentações feitas por Pedro, era hora de aproveitar o restante do dia para prostrar e escutar os “planos” do meu colega. Coisas como o que seria feito, o tempo gasto, hora para se acordar (e não se atrasar!), horário de trabalho, os dias que poderiam chover – “*que daí a gente toma umas e fica de boa...*”. De qualquer modo, o marinheiro de primeira viagem o qual este autor se inclui conseguiu ir preparado – não sem ter áudios de insistência de Pedro para que eu não esquecesse de “*bota de trabalho, uma calça jeans velha, uma camisa longa, tá ligado? Não vai esquecer disso, pelo menos traz a bota que eu tô só com uma, hein? O resto eu tenho aqui... Ah, e sei lá, capa de chuva também, vai... Numa dessa até me animo em trabalhar na garoa, beleza?*”. Ou seja, a folga improvisada só seria garantida se o clima ajudasse, e bastante – o corpo já começava a pensar nos “arregos” antes mesmo de começar o trabalho: “*uma bela chuva, um dia ou outro, é bom, bom pras plantas...*”, pensava eu, ainda mais depois que fiquei sabendo do que estava por vir. Segue abaixo descrição de Pedro sobre as impressões iniciais da roça a ser feita e alguns desses desafios:

“*Cara, então. A área embaixo do galpão, a que te mostrei na subida e onde a gente vai plantar, eu fiz a capina na enxada mesmo, sabe? Demorou um pouquinho, fiz em dois dias, roçadeira não dava de passar. O antigo morador queria que aquilo fosse um pomar, mas eu pensei em manter as poucas árvores que ele plantou, e aí, junto com aquele espaço, pensei em fazer uma roça, coisa de, pelo menos, umas 4 linhas, cortando de norte a sul aquele espaço. Pensei em fazer até mais, mas na hora de capinar senti que o solo tá cheio de pedra. O cara que morava aqui antes andou remexendo isso e parece que tem alguma coisa ou outra de entulho. To falando isso porque ele tinha um trator e mexia com terra planagem, e aí usou a máquina pra melhorar o acesso aqui. Sabe essa estradinha que vai até o galpão? Então, não tinha. Ele precisava fazer isso e tal e aí conseguiu uma autorização... O negócio é que o solo é mais difícil pra trabalhar do que eu pensei. Queria poder usar*

*o tratorito que eu trouxe de Minas pra afogar a terra, mas com a inclinação e a quantidade de pedra que tem aí não vai rolar, vai engasgar e travar a máquina. Aliás, dependendo do lugar do terreno vamos ter que ir na picareta, e aí sim usar a enxada... Negócio é trabalhar o terreno nessa primeira vez e facilitar pras próximas roças. Acho que assim, dando um jeito na terra agora, facilita pra tudo depois, inclusive com o tratorito”.*

Já a casa de Pedro, Ana e Clara era feita de madeira, pintada de verde, com telhados simples, de “brasillite”, e ficava no último “platô” ao topo do terreno, quase colada a grade que a separa da zona de APP – como já adiantado antes. Com dois quartos, cozinha e sala integrados, além de um banheiro, ela ainda possuía uma área semi-interna, onde ficavam uma grande mesa, fogão à lenha, pia, um refrigerador e uma máquina de lavar – local ideal para encontros e reuniões diversos, geralmente aos finais de semana, quando reunia os amigos e os vizinhos. Por hora, uma área de concentração de várias mudas que Pedro preparava para a roça. Na parte externa, uma ampla área verde – com uma parabólica, bananeiras e *citrus*, citadas outrora -, um generoso quintal com apenas uma mesa de madeira e um balanço também de madeira devidamente instalado na maior árvore, com longos cordões partindo de um galho robusto ao alto, perto da casa – exigência da pequena Clara. A vista em si era perfeita, podia-se ver quase todo o recorte do Sertão para este trabalho, tendo a estrada, logo a frente, como parte central de um “quadro”. Assim pude ver todos os tipos de transporte possíveis – menos ônibus, é claro. Os ciclistas que comentei, os 4x4 de todas as condições e modelos, carros voltando do alambique dando “aquela derrapada” na entrada da estrada depois de um “dia daqueles”, motos, carros de boi, pessoas a cavalo, polícia etc.

O que mais chamava a minha atenção, diariamente, quando me sentava para escrever as experiências do campo na mesa de fora, de frente para esse “quadro”, era o terreno da frente – bem mais para a frente, e que contorna o final da estrada para quem chega -, era o terreno do Jaílson e sua notável criação de cabras: uma ampla área verde em encosta, subindo um morro íngreme, como o do meu colega, mas com apenas um “platô” no topo, onde se encontravam a casa e o curral, rentes ao final da estrada. Pedro me dava a letra:

*“Ta vendo o sítio do Jailson ali? Ele aproveitou quase o terreno todo pras cabras e ovelhas. To vendo umas 20 daqui, acho... Deu uma solução boa. A área é mó boa pra elas, vivem bem nesse terreno rochoso e podem pastar. Tem mais o*

*curral em cima, que o Jailson até aumentou e botou uma mesa de sinuca, com uma geladeira... Da pra cuidar das cabras ali enquanto reúne a galera (risos). Mas pô, legal que as cabras capinam pra ele (risos). Fico pirando naqueles sistemas agrossilvipastoril, tá ligado? Quem sabe se eu colocar uns boizinhos também... Eu queria umas vaquinhas, na real, até pra pastar ali na baixada, sabe? Cheio de braquiária ali, do brejo, não é fácil de achar touceira, ela cresce e muito, ruim de capinar no facão que é o jeito.”*

Terminada a noite e algumas garrafas de cerveja artesanal feitas por Pedro - “fiz essa lpa com manga aqui, tão nas últimas já...” -, a descrição do “plano” da roça consistia em acordar o mais cedo possível, em torno das 6 da manhã, sem pressa, mas garantindo que as 8, no máximo, estivessemos na “lida” – “em uns 5 dias terminamos isso, pelas minhas contas...”. Fora isso, algo muito importante a se considerar:

*“Falei com o Joel e o Herminio, vizinhos aqui perto. O Joel disse que consegue adubo pra gente, tenho uns sacos bons aí, dá pra encher uns 10. Claro, vai depender do quanto vamo conseguir juntando lá (risos). Ele precisa de uma ajuda pra limpar o curral e troquei essa ideia com ele. A parada é que isso a gente pode fazer lá pro final da roça, quando as linhas tiverem prontas. Tirando isso, tô pensando em iniciar duas linhas amanhã, cada um fica responsável por uma. No dia seguinte, combinei com o Herminio, vizinho da frente do Joel, pra pegar as manivas de mandioca pra gente. O sítio dele é sinistro. Plantou bastante lá pra trás da casa dele, e tem de tudo. Mandioca, milho, abóbora, feijão, couve... Me trouxe vários pé de couve esses dias pra eu plantar aqui, quando fui lá com o Joel conhecer ele. E ele também deu mais umas sementes e talz...”*

Já quase para encerrar o dia, Pedro ia mostrando as sementes e as mudas preparadas, e explicando, um pouco, da roça que queria planejar:

*“Sim, tem toda essa ideia de agrofloresta que me ajudou bastante... Mas aqui, se lembra? A gente não tem as árvores de grande porte, só o pessegueiro, o limoeiro, espalhados no canto... Tá mais pra um consórcio o que tô pensando em fazer. Basicamente no centro vai a mandioca e o milho. O milho tem ciclo mais curto, e a medida que ele cresce protege um pouco do começo do ciclo da mandioca. Vai dar pra colher ele antes, a mandioca vem depois, é a última. Nas laterais vai tomate e feijão, além da semente de porco - que vão mais pra servir de matéria orgânica.*

*Vão crescer por primeiro (sementes de porco), serem cortadas e jogadas no centro da linha, em cada par de mandioca e milho, tomate e feijão...”*

Muitos dos outros detalhes serão trazidos a partir das descrições do trabalho diário, afinal, à medida que o fazer da roça tomava conta do dia e o conhecimento se fixava melhor, mais claro ficava. O importante aqui era o ideal inicial que Pedro tinha, e como já capinara nele antes, um novo conhecimento da terra em si vinha à tona com soluções que partiam do que observava e sentia:

*“Aqui é bom pras rústicas. Mandioca, batata doce, abóbora, e acho que até o milho entra nessa categoria. Coisas do tipo. Eu entendo como rústica, plantas que se adaptam bem a esse tipo de solo que eu vi aqui. Tipo, ele é compactado, além das pedras... As raízes dessas plantas são fortes. E como pega um bom sol naquela parte, achei que elas pegariam bem. A batata doce, tava esquecendo de te falar... Quando eu capinei, eu já plantei várias mudas. Eu concentrei mais na parte de baixo do terreno (sul), até porque as duas primeiras linhas eu pensei que pudessem ser mais curtas, aí sobra um retângulo no final, pra coisas gerais. La botei a batata doce. Porque assim, além do solo, tem um tipo de capim, composto, de várias espécies que não sei bem quais são, mas difícil de tirar junto com essa terra aí. Pensei que a batata doce pudesse regular melhor isso aí, e a touceira dela é super fácil de tirar, cresce rápido... Dela saem muitas folhas, em trepadeiras, que vão cobrir boa parte do chão do terreno. Você tira elas sem precisar de ferramenta ou coisa do tipo, só puxando, de boas. E de repente, quando você começa a puxar tudo, você chega na batata doce e colhe... Facilita pra capinar depois, serve de matéria orgânica pro consorcio e ainda tem a batata (risos)”.*

*“Dia....”,* entre o sonho e a realidade, e num colchão no meio da sala, escuto Pedro abrindo a porta do quarto saldando, no sussurro, para não incomodar Ana e Clara, afinal, nem o sol aparecera ainda, era a primeira de muitas “5:30 da manhã”: *“E aí, bora? Ó, fica à vontade, tem fruta, ovo, e eu vou fazer uma vitamina de abacate aqui.”* Me levantei, joguei uma água no rosto e ajudei no que podia, logo pegando o café feito por ele, de Minas, para poder passar. Ele observava e dizia: *“Cara, tô com bastante café lá de Minas ainda, e sigo torrando aqui e ensacando os que posso. Tô atrás de gente pra vender, tenho uns contatos. Deixei uns lá no alambique do Adilson, ele gostou do café e pegou uns pra vender. Aliás, adorei conhecer o Adilson, cara, você vai curtir muito ele também. O cara tem um alambique irado, logo virando a primeira a direita aqui, nos Indaiá. Fez tudo sozinho,*

*o alambique é todo feito de pedra que ele foi jeitosamente meio que empilhando, encaixando e construindo, não sei... Deixou tudo meio rústico, sabe? Ficou muito massa... Tem um bar lá também tocado pela Loren, esposa dele. Eu e a Ana vamos direito lá pra bater papo com eles e beber umas cachacinhas...”*

O café de Minas ainda rendia, vendido de porta em porta, através de contatos que ia conhecendo, e de boca em boca, via celular. Ele e seu antigo parceiro de lida faziam todo o processo artesanalmente, desde o plantio. Depois que a parceria se desfez, e as divisões foram feitas, parte do café o qual já havia sido colhido, pouco antes dele voltar, ainda sobrara. Com isso, Pedro trouxe um torrador e um processador, e muito sacos de café colhidos da última temporada – além do tratorito citado antes e muitas ferramentas de agricultura no geral. Ele usava uma pequena edícula de madeira, na entrada do terreno, na baixada, para guardar parte desse material e realizar as atividades principais: a torra, realizada na parte externa – em dias mais secos e com muito sol –, o processamento do café, selagem para embalagens (em torno de 500g, com logo feito por Pedro), além de organizar os armários para estoque, os quais ficavam todos na construção. Ali, sob luvas, máscara e cabelos devidamente presos com uma touca, terminava toda a produção, na “mão”. Tendo essa oportunidade de comprar um café orgânico de alta qualidade, arábica, por menos da metade do preço que encontraria em qualquer atacado, comprei algumas vezes esse “Cafézin” de Muzambinho.



Pedro e seus cafés embalados. Fonte: Autor (2020)

Ali também se desenhava uma amizade próxima que Pedro teria dali para a frente com Adilson, responsável por fazer o “*Indaia voltar a pingar*”, quando resgatou o ofício realizado antes pelo avô (irmão de Chico), o de ser alambiqueiro por aqueles lados. E ali também começava a minha primeira ida, de muitas, ao alambique de Adilson. Em nenhuma delas com intenção de pesquisa que fosse – o quais não faltaram aprendizados, e verdadeiras “aulas” sobre o Sertão vindas dele através de nossas conversas. E da melhor maneira possível: com um rigor completamente informal. Mas antes que se fale com maiores detalhes da experiência de conhecer o Adilson, imprescindível para este trabalho, voltemos para a roça.

Acabada a hora do café, preparado para ir (camisa longa, chapéu de palha, bota de trabalho, calça jeans velha, protetor solar...), descemos o primeiro “platô”, parando, na sequência, no galpão, rente a futura roça. Ali deixamos uma caixa de som, um “*subwoofer*” velho meu, ano 2005, em que botávamos o *Spotify* para rodar, previamente preparado na noite anterior com álbuns devidamente escolhidos e baixados - a internet não pegava no galpão, então tínhamos que nos preparar. Desse modo, escolhemos Geraldo Azevedo, Bob Marley, Jimi Hendrix, Milton Nascimento e Beto Guedes para uma “aura tilelé” completa. Apenas eles e alguns discos seus. A *playlist* fora mudando depois, para praticamente ficar composta

apenas por “reggae” conforme os dias passavam – com exceção do álbum Berekekê, de Geraldo Azevedo. Esse ficou, imperativamente, soando até o final da empreitada. Um apego afetivo do meu colega, que, com traumas recorrentes oriundos do rock progressivo do “Yes” durante as roças de Minas, colocadas “*em looping*” pelo amigo e ex-sócio, via no Geraldinho uma calma “*boa pra trabalhar... Pô, eu gosto de progressivo até, mas daí o Fê (amigo e sócio) já tava forçando a barra demais (risos).*”

Lotando o carrinho de mão com as ferramentas que íamos usar – pá, enxada, enxadão, picareta, enxó etc. -, descemos agora para a encosta em que se localizava o terreno da roça, abaixo do galpão. De fato, um morro, nada plano. Porém, a capina de Pedro dera certo, o local estava ótimo e bem-preparado, com o solo, amarronzado, escuro, pronto para as enxadadas. No começo, Pedro, sabendo da responsabilidade em me ensinar enquanto eu o ajudava, ia andando, gesticulando e falando, subindo e descendo o terreno comigo, justamente para me dar a dimensão da roça que ia ser feita e do “trampo”: “*Preciso dar um podada naquele pessegueiro ali...*”, apontava, “*só que não tenho motosserra à gasolina. O antigo morador deixou uma elétrica aqui, vou ver se com a extensão eu chego aqui. Daí uso um pouco desses galhos que tão tapando o sol naquela parte da linha ali pra matéria orgânica. Aliás, tudo o que é matéria orgânica, capim, folha, galho etc, vamos deixando no carrinho de mão, que daí a gente leva pra uma área ali fora que eu separei pra gente ir juntando. Pensei que você, enquanto isso, pudesse começar uma das linhas, lá de cima...*”

Importante ressaltar que as linguagens e as visões de Pedro para com a agricultura, de uma maneira geral, vinham dos vários cursos e “estágios” que fizera em sítios pelo Brasil afora, além da produção de café em Muzambinho. Portanto, experiências na Bahia, em Brasília, Minas e interior de São Paulo, eram as fontes e as influências principais, onde, além das aulas, ele se somava a força de trabalho local através dos mutirões que eram realizados nesses cursos. Fora isso, Pedro, ex-aluno do curso de Ciências Sociais como eu, foi aprendendo e se introduzindo a agricultura por um gosto apaixonado “*difícil de explicar*”, segundo ele, e que fora inicialmente surgindo em viagens por mochilões, desde cedo, na adolescência. Ao desistir do curso de Sociais na faculdade, foi aprendendo sobre sistemas “agroecológicos” de maneira quase “autodidata”. Com um notebook e internet disponíveis, baixava livros e artigos (muitos deles científicos), que encontrava

navegando, além de acompanhar muitos canais de iniciativas parecidas com a dele via *youtube*. O regime de estudo era análogo ao que ele tinha enquanto estudante: sempre que sentia que devia se aprofundar em algo, sentava-se na cadeira, com um determinado artigo ou livro aberto pela tela do computador, além de um caderno ao lado, para anotações e fichamentos.

Voltando a roça, comecei a primeira linha, da maneira como ele pedia, partido de cima do terreno, com uma enxada e uma picareta nas mãos. De começo, a enxada até dava conta, sem picaretas, já que nessa parte do terreno o solo tinha menos rochas. Entretanto, era muito compacto, como adiantara Pedro. “Seco”, digamos assim, ainda depois de dias intermitentes de sol. O primeiro buraco feito por mim saía bem, mas não sem antes ter conferido algumas generosas pancadas de enxada para que a terra remexesse bem e ficasse exposta. *“O solo mais embaixo é escuro, provavelmente melhor pra plantar, junto com o adubo acredito que vai dá boa. Já ouvi falar que a terra aqui já foi castigada antes. Mas sei lá, pouco encontrei sobre isso e tô indo pelo o que eu vejo e sinto... Pode ir dessa forma, mano, que tá indo bem, tenta garantir essa cavada bem... Quanto mais trabalhar nela (na terra), melhor.”*, dizia Pedro, realçando no final: *“e cara, vai no seu ritmo, sempre que quiser parar pode parar. Cê ainda tá acostumando e não esquece de tomar água na bica ali em cima, do lado do galpão...”* Garantir essa “cavada” resultava também em adiantar o processo de “afofar” a terra com o enxadão, o qual seria feito melhor depois, com as linhas terminadas, no momento de se colocar as sementes e as mudas. Lembrei muito dessa dica depois que fui para segunda parte do processo e precisei quase que começar do zero a parte de afofar a terra.

Depois de algumas paradas para respirar e se sentar (ou de se jogar no chão por inteiro), além das bolhas na mão recém começadas e já estouradas, eu iniciava o terceiro buraco da linha, deixando um espaço de, pelo menos, dois palmos entre uma “unidade” e outra – me refiro a “unidade” aqui a cada espaço em que seriam colocados os pares de mandioca e milho, os quatro pares de tomate e feijão (ao redor da mandioca) nas laterais e as sementes de porco, também nas laterais. Nesse momento, Pedro, o qual já havia terminado de podar o pessegueiro ao lado com a motosserra elétrica, iniciava a sua linha. Quando enfim pude iniciar a quarta linha, ele, rapidamente, já me alcançara. Pedro nem parava, além de ter uma notável habilidade adquirida nas experiências com plantios diversos nos últimos tempos. Ainda assim, tentava me deixar animado (consolidado): *“Não, cara, nem*

*esquenta... eu mesmo nunca tinha trabalhado em uma roça num morro assim, com um solo difícil, então é pauleira mesmo. Já já vou ter que pausar também. Em Minas as colinas eram bem mais suaves e o clima bem mais de boa... Cê ta indo bem”.*

As paradas de Pedro, quando aconteciam, envolviam a filha de 2 anos, Clara. Como era época de pandemia, sua creche, localizada na Caieira - bairro seguinte ao Ribeirão e em direção ao sul - estava com as atividades paralisadas, motivo o qual ela precisasse ficar com os pais durante o dia inteiro. Naquela semana, Ana, companheira de Pedro e mãe de Clara, conseguiu ficar em casa na maioria das vezes, a fim de ajudar Pedro para que ele pudesse fazer a roça comigo. Porém, salvo uns 2 dias, com a oportunidade de se fazer um trabalho temporário como atendente em uma loja na Lagoa da Conceição, Ana necessitou sair. Deste modo, com sua ausência, Pedro dava suas pausas para ficar com a filha. Combinamos revezar: ora Pedro ia, ora eu ia. Como eu necessitava de pausas mais longas e Pedro era imprescindível na roça, acabei indo mais vezes. Geralmente, Clara se virava muito bem. Se distraíndo com os desenhos que Pedro botava em seu computador para ela ver, ou entre papéis, canetas e tintas guache, onde se concentrava a rabiscar, desenhar e pintar. Depois do almoço, na maioria das vezes, Clara tirava longas sonecas. O que permitia que eu e Pedro ficássemos mais tempo trabalhando. Como a casa não é ao lado da área de roça, Pedro pediu para que Clara, quando acordasse ou precisasse, chamasse pelo nosso nome quando se sentia sozinha ou insegura. Poucas vezes isso aconteceu. Em muitos momentos, Clara até ficava no galpão, ao lado da roça, se divertindo com a terra, brincando com a mangueira e, principalmente, pulando e correndo - sempre com os olhares atentos de Pedro. Fora isso, quando parávamos para almoçar, Pedro, como cozinheiro oficial da casa, se prontificava do preparo, enquanto eu, como um “tio” “responsável” (e orgulhoso) em atividade, ajudava Ana distraíndo Clara, para depois dar a minha mão com a louça.

Após o almoço - e de uma soneca garantida de, pelo menos, uns 40 minutos -, o primeiro dia de roça se desenrolava com uma única função: avançar o máximo que se conseguisse quanto as linhas, as quais cortavam de norte a sul a área de plantio. Gestos, portanto, voltavam a serem feitos sob seguidas repetições durante a tarde - sob um sol “daqueles”: Enxadadas, picaretadas, pausas, tomar água, picaretadas, retiradas de rocha, retiradas de capim, touceiras, tomar água, trocar a música (“*essa já deu, né? de novo?*”) mais enxadadas, pausa... Subir, caminhar,

descer, descer mais uma vez, subir novamente, pegar o carrinho de mão, colocar e despejar matéria orgânica em montículos fora da roça... As dores? Se concentravam na lombar – motivo o qual eu adorava me deitar por completo na terra mesmo, o qual já tinha um aclave “bacana” e de frente para a paisagem.

Fora isso, e buscando os inúmeros cadernos, folhas, gravações de áudio via celular e blocos de anotações, o dia não teve muitas “novidades”. O principal, entretanto, foi o resultado: chegamos na metade de duas das quatro linhas, fato que deixava Pedro, de certo modo, animado. Ao caminhar até a casa novamente, depois de juntarmos as ferramentas para dentro do galpão, ele me dizia: *“Pois é, foi bom, mano! E aí, o que achou de plantar a primeira vez? Foi bem, cê nunca tinha mexido com isso (risos)... Seguinte, amanhã de manhã, acho que seria o ideal, a gente termina elas, aí de tarde vamo no Hermínio pegar as manivas, que é o dia que ele pode. Se pa a gente vai ter uma ajudinha amanhã também (risos), vi por mensagem aqui que um casal de amigos nossos vem aí nos visitar de manhã já, e o Rafa quer aprender a plantar um pouco. Aliás, cê num conhece o Rafa? Gente boa pra caramba, curte muito um reggae também... Ele ta namorando a Deise, sabe? Aquela amiga da Ana lá dos tempos do Pará... Mas o Rafa, que é da Bahia, conseguiu vir pra ca trampar agora só por causa do negócio da pandemia... ele chegou esses dias em Floripa...”*

Enfim, o dia terminara “de boas”, na parte semi-interna da casa, sob uma paisagem formada por roupas recém usadas na roça, penduradas, a fim de que sequem da umidade a tempo – *“sujeira? outra roupa? só se não secar. vai a mesma todo dia”* -. Do lado de fora, chuva. Não resistindo, Pedro pegou as duas últimas garrafas de ipa e compartilhou. Eu, feliz, mas fingindo responsabilidade, perguntei: *“mas não tem que acordar cedo amanhã (risos)?”*. *“Ah, cara, a gente trabalhou bem hoje, quando é assim pode (risos). E outra, é que você não sacou ainda...mas essa noite aí toda é só 8 e meia da noite (risos). Mas ó, acordamo cedo, trampamo, e parece que já é meia noite... Roça rende o dia, tem que render... E outra, amanhã a gente pega no pesado mais de manhã só, à tarde vamo no Hermínio. E, além de tudo, vai ter mais o Rafa. Com essa chuvinha, a terra vai estar bem menos seca de manhã... Tá de boas.”*, concluía, Pedro.

Depois de dar cabo das “papeladas antropológicas”, reunidas e anotadas em algum formato digno que seja (isso quando o cansaço permitia), e de alguns áudios escutados, pude enfim me deitar. Aliás, sobre parte desse “método” adotado: muitas

vezes, com autorização de Pedro – claro -, eu registrava tal qual um jornalista, com um microfone “disfarçado” entre as roupas. No meu caso, através do celular, ligado por horas no gravador e colocado dentro do bolso da camisa usada na roça. Nem sempre, óbvio, era possível trabalhar com uma coisa daquela presa no corpo. Aliás, nunca, na verdade (apesar de algumas tentativas ridículas). Na maioria das vezes, o celular ficava perto da área em que trabalhávamos, gravando – exceto quando era minha vez de usar o celular para botar músicas na caixa de som. O melhor momento, mesmo, era quando parávamos para beber água e conversar sobre o que fazíamos. Com isso, eu o levava, no bolso da camisa, para captar qualquer conversa que surgisse. Nunca parei Pedro para realizar alguma entrevista “detalhada” que fosse. Tudo rolava na espontaneidade: situação em que mantive, sempre que pude, durante o trabalho todo. No final, com muitas horas gravadas, pelo fato do celular ficar o dia inteiro nessa função, dava um certo trabalho para conseguir escutar tudo e, ainda, separar aquilo que seria utilizado do não utilizado para esta pesquisa. Quando não dava certo, ou o áudio fora mal gravado (situações costumeiras), o jeito era usar da memória e registrar tal qual um diário a experiência vivida no dia, lembrando de todas as falas, inclusive. Motivo que fez com que eu não deixasse de anotar isso antes de dormir, salvo algum dia ou outro. Mesmo que isso me fizesse dormir um pouco mais tarde.

O segundo dia começou com um tempo ainda nublado, úmido. “*Talvez abra pra mais tarde*”, dizia Pedro, de galocha, entre uma “atoladinha” na terra e outra. De galocha também, mas emprestada (de Ana), eu já pensava que tão molhada assim não precisava ter ficado... Enfim, com ferramentas em mãos e sem choradeira, continuamos as atividades do outro dia. Eu, já um pouco mais “habilitado”, de bolhas tratadas, com esparadrapo por toda a mão e agora usando luvas de jardinagem – “milagrosas” -, sentia que meu ritmo acelerava um pouco mais e menos pausas eu fazia. Tudo bem, a terra - mais perto de “lama”, na verdade -, por conta da chuva que continuou durante a madrugada, facilitou o processo, mesmo atrapalhando um pouco a locomoção entre algumas áreas e outras – e dá-lhe deslizadas, “trupidadas”, “pacotes” etc,

Poucas vezes necessitei perguntar a Pedro o que fazer dessa vez, no máximo uma dúvida e outra sobre capina, já que muitas touceiras eram difíceis de tirar. “*Por isso da batata doce, não te falei? Tem muita (espécie) invasora aqui, dificulta roçar. Pelo menos eu sinto, né? Parece essas braquiárias, mas não são... É, vamos ver*

*quando a batata vingar e quanto de área ela vai ajudar a regular isso aí.*”, dizia Pedro. E quando o clima, mesmo ainda cinzento, ficava mais quente à medida que o sol subia, o casal Rafa e Deise chegava, perto das 10 da manhã. A pausa viera na hora certa. Subimos todos para recebê-los na casa. Rafa, surpreso com a “oferta” de ajudar na roça – Pedro mal explicara para ele que “ajuda” ele pedia para o amigo via áudios de whatsapp no dia anterior -, já ia se conformando de que bota teria, menos calça: *“vai de bermuda mesmo, amor, tu não ta precisando de trabalho, não? Ajuda os meninos (risos)”*, dizia sua companheira, Deise, em conversa animada com Ana.

A partir daí, nosso “power trio” funcionou bem. E um novo amigo eu fazia. Rafa viera da Bahia depois de ter que ficar lá por conta da pandemia. Acabara voltando para Floripa quando a situação melhorara um pouco, em relação a flexibilização e viagens. Depois de um trabalho ou outro que não dera certo por aqui, Rafa foi a Salvador para trabalhar com o pai, o qual era mecânico. Quando havia conseguido uma situação financeira melhor para voltar a ilha a pandemia viera, deixando-o “preso” na Bahia e longe de Deise – portanto, agora, Rafa era só sorrisos: *“E eu consegui a motinho, pai, tô já vendo de fazer entrega. Começo semana que vem, rapaz...”*, falava, Rafa, contente. A partir daí, também, a playlist fora ficando “reggae” quase que por completo – tirando o Geraldinho Azevedo, claro. “Comunidade Brasmorra”, baiana, foi a banda nova que eu acabava conhecendo, via Rafa, e mais tantas outras de reggae nacional que eu nem sabia da existência, via Pedro - animado com o parceiro regueiro que se juntava para empreitada e novamente inspirado a sugerir músicas. Desse modo, frases entoadas como *“mas isso é coisa...isso é coisa! mas isso é coooisa feeeeeiaa: falar mal, da vida alheeeeeia!”*, ou *“Work!”*, do Bob Marley, com o refrão sendo entoado entre o “ritmo” de uma picaretada e outra eram muito comuns. *“Trabaaaalho!”*, aos risos, Pedro realçava, no compasso certo entre uma cavada e a próxima.

Resultado da manhã: Terminamos as duas linhas A ajuda veio em boa hora e ainda antes do almoço. Falado isso e com o trabalho de roça encerrado por hoje, subimos para preparar o que comer e definir a próxima etapa: buscar as manivas com o vizinho, Hermínio, o famoso *“Seo Madruga”*, nome pelo qual Pedro o chamava devido a semelhança, grande, com o personagem em questão – só depois fiquei sabendo que vários moradores, pessoas como Adilson e tantos outros vizinhos antigos, também faziam o mesmo. *“Mandei mensagem pra ele agora pouco, disse que ali pelas duas da tarde é pra gente passar lá. E aí, a gente pega as*

*manivas e vocês conhecerem o sítio dele. Falei que tô com uns amigos... Inclusive, falei do seu tcc e que seria massa você dar um pulo lá”,* dizia Pedro, para mim e Rafa – aliviados, com o fato de que a enxada não se pega mais hoje.

Assim fomos após o almoço, de “unêras”, para o sítio de Hermínio no horário combinado, o qual ficava pouco após a igrejinha do Sertão, para quem sai do sítio de Pedro e a esquerda de seu terreno. Antes de chegar lá, uma passada em outro vizinho antes, Joel, “o cara” que ia nos ajudar com os sacos de esterco para a roça. Enquanto eu e Rafa esperávamos no carro, Pedro conversava com um senhor. Quando voltara da porteira da casa de Joel, Pedro ia dizendo: *“Pois é, falei com irmão dele, o Tinho... O Joel não tá, ele trabalha como segurança na universidade – acho que é UFSC, inclusive -, eu não sabia disso. Daí só amanhã, que é folga dele, é que a gente fica de ver os estercos com ele. Ótimo também, o adubo vai por último, mas daí já resolvemos isso... mas as manivas a gente pega agora, parece que o Hermínio acabou de chegar, segundo o Tinho.”*



**“Procurando Joel, o vizinho”:** 1- Vale do Sertão vista da parte de cima do terreno de Joel; 2 – Casa vizinha; 3 – Pedro perguntando por Joel; 4 – Curral de Joel, parte inferior do terreno. Fonte: Autor (2020)

O terreno de Hermínio era extremamente íngreme logo na chegada, a casa ficava no topo dessa primeira subida. *“Quando eu falei com o Joel pra poder conhecer o Hermínio, eu fiquei sabendo que o Hermínio não é natural daqui, veio porque o Joel deu uma oportunidade pra ele morar nessa casa aí... Eles são bem amigos, e o Hermínio queria muito voltar a plantar... Se você vê, é a mesma sequência do terreno do Joel, só que um vai pro leste e esse vai pro oeste... Tão bem de frente um pro outro.”*, ia explicando Pedro.

E assim subimos a ladeira que dava para a fachada principal da casa de Hermínio. Aliás, um morro enorme, com o “unêras” não subindo de primeira, necessitando ir de ré (agora uma velha tática assimilada) mesmo com o caminho todo calçado - o tempo também ia fechando e a chuva voltava a dar sinais novamente. Chegando lá, “Seo Madruga” – o “*próprio*”, falávamos, surpresos, no carro – nos recebia com um sorriso: “*Opa! Pode vir por aqui, bota o carro aqui... Teve que ir de ré, é? (risos)*”, Hermínio dizia, gesticulando.

O cavalo de Hermínio ficara bem na frente da porta principal da casa, “na paz”, se protegendo da garoa que começava. Com “carinhosos” tapas na traseira do cavalo, Hermínio ia afastando-o da entrada e falando: “*bora, deixa o pessoal passar! ó, ele é tranquilo, não fica estressado com gente passando por ele não, pode vir...*”. Fiquei por último, o mais receoso com a possibilidade de um coice – afinal, passar atrás de um cavalo e não sair ileso é algo não tão “garantido” assim... – . Entramos na casa, lá também estavam a esposa e o filho. Em seguida, saindo da moradia, contornamos a lateral direita do terreno, subindo até a um primeiro “platô” (sigo utilizando aqui o “conceito” dado por Pedro). Ali estava uma horta, onde se destacavam abóboras, espécies frutíferas de *citrus*, alguns pés de cebola, tomate, variados tipos de plantas para tempero, chá etc. Era uma área toda em aclave, subdividida em uns três níveis, os quais possuíam caminhos entre eles, “serpenteando” cada canteiro. A localização era convenientemente perto da cozinha da sua casa, o qual se conectava a área externa que se encontrava a horta, tendo um fogão a lenha e uma grande mesa em destaque.

Esse primeiro “platô” disfarçava o que estava por vir. Em meus pensamentos, achava a área já formidável, pensando que talvez tivessem, a frente, apenas mais um ou dois “platôs” de mesmo tamanho dessa horta: ledão engano. Terminada essa parte – e subindo, sempre -, começava a despontar a primeira das grandes roças – “*Aí sim!*”, dizíamos Pedro e eu - que apareceriam. Nesse primeiro nível, pós-horta, uma enorme área de plantação de milho, com, pelo menos, uns 20 metros de comprimento em direção aos fundos (para dentro do morro) e quase 5 ou 6 de largura, localizada em uma grande colina. Aqui a inclinação era mais suave do que os “platôs” da casa de Pedro.

Hermínio aproveitara ao máximo a largura disponível, já que nas laterais ficavam as áreas de preservação permanente e que faziam fronteira com todo o terreno, delimitando uma grande e largo corredor em que se encontravam essa roça

e tantas outras que iam surgindo na paisagem. “*ó, não falei que era surreal? (risos), ele plantou muito, e quase tudo sozinho, né?*”, dizia Pedro, se dirigindo a Hermínio, o qual respondia: “*É, meu filho também ajuda, mas isso é muito mais eu mesmo que mexo. Vim aqui pra isso... Lá na frente não (da cozinha), minha esposa tá sempre ali... Todo dia tô aqui mais pra trás, capinando, mexendo... Eu vim do Paraná, né? Trabalhei numa fábrica de papel... Antes eu era de lavoura, até os 21 anos, trabalhava com meu pai. Sei de plantar, essas coisas, dessa época. Eu gosto. Eu tava morando ali no Córrego, numa casa, faz um tempo. Mas num dá, cidade, apinhado de gente, você sai de casa e já da de cara com vizinho... Aí, o Joel, que já era um amigo de muito tempo... Eu já conhecia o Sertão aqui quando vim pra ilha, né?... Falou dessa casa e do terreno... Aí já me mudei na hora. Já plantei tudo isso aí, vai la pra trás ainda.... As ramas tão la mais pra frente, colhi faz pouco e deixei nos cantos...*”

E assim íamos atravessando o trajeto de roças. A colina seguia subindo, de forma leve, até quase ao topo do morro. Passávamos por vários tipos de cultivo, começando pelo milho e, na sequência: feijão, couve, batata, batata doce, cebola, alho, alho poró, tomate... Todos em monocultura, cada área destinada especificamente para uma determinada espécie. A mandioca ficava na última parte do terreno, sendo limitada por um último “platô”, o qual ficava uma área capinada, com um banco colocado abaixo de uma grande árvore – com uma vista “*sinistra*”, nas palavras de Pedro. Após isso, tínhamos já a área de preservação permanente. (contar em detalhes aqui a maneira como usava um arado “mecânico”, com motor de carro, umas cordas, em que iam se apoiando em arvores da área de preservação) – um cachorro nos mirava, preso a uma coleira robusta... E algumas cabras, mais acima, com um pequeno curral improvisado, nas laterais de uma das roças, a meio caminho do topo do terreno destinado para plantar.

“*Tão por aqui ó*”, apontava Hermínio a uma das laterais, descendo uma pequena ribanceira e pegando as primeiras “ramas”. “*Vão pegando, aproveita, pode pegar, tô com bastante. São das boas essas, acabei de colher uma parte. Tem da normal, mais escura, e dessa branca também... Essa branca aí é boa.*”, explicava Hermínio, mostrando uma “rama” realmente mais clara do que a “normal”, digamos assim. O curioso é que para Hermínio, e grande parte dos vizinhos (naturais do Sertão), o nome era esse, diferente de Pedro que chamava tal parte do caule de “maniva”. “*Você é de São Paulo, é?*”, perguntava “Seo Madruga” para Pedro,

surpreso com o nome diferente a qual ele se referia. Em resposta: “*É, eu aprendi assim (risos), mas eu já tinha ouvido falar de rama também... Aqui todo mundo fala rama, né? Mas vem cá, como é que você tá plantando isso?*”, indagava Pedro. “*Quando tem o momento certo, né?*”, respondia Hermínio. “*É bom olhar a lua, a época do ano... Agora tá bom, passando desse mês aí não sei... A lua eu vejo por conta de um livro de astronomia, essas coisas, que tem aí em casa... Ele é bom. Mostra os tipos todos dela, né? Cada época do ano, essas coisas... Mas daí eu boto ela (a rama) direto na terra, sem cavar muito, com o olho voltado pra cima. Direto na terra, nem adubo essas coisa muito. Só remexo bem, afofo bem, né? De enxadão.*”, explicava Hermínio.

Assim fomos descendo, eu, Pedro e Rafa, com o máximo do que conseguíamos colocar entre os braços, enrolando em pedaços de rafia sob nós firmes, improvisado, a fim de segurar bem as “ramas”. Rebaixamos o banco traseiro do uno para que coubesse tudo. E assim voltamos, comigo “mergulhado” até a cintura sob as ramas/manivas. Chegando no sítio, deixamos todas dentro do galpão e encerramos o dia. Na sequência, fui conversando com Pedro sobre o que ele faria: “*Pois é, por conta do terreno aqui eu não sei o quanto de buraco a gente consegue ter, com terra suficiente, para que ela cresça. Tem muita pedra, né? Pode não vingar, sei lá, e as raízes não conseguem crescer... Tem um jeito, em que você coloca duas “manivas” em pé, uma “grudada” na outra, tipo um “x”, inclinado em relação ao solo... Pode ajudar, porque na mesma área você tenta duas. Se uma não crescer, e a outra sim, acaba compensando. Se as duas crescerem, melhor (risos). É uma maneira de usar um espaço pequeno... E a gente tá com muita maniva... Fiz isso num curso no interior de São Paulo e dava certo*”.



**“Sítio de Hermínio “Pegando Ramas”:** 1- Cultivo de Milho; 2- Haroldo mostra seu terreno e o que plantara; 3 – Pedro pegando as ramas de mandioca; 4 – André ganhando um pé de couve de presente de Haroldo. Fonte: Autor (2021)

A noite terminara com todos nós indo ao alambique de Adilson, a fim de tomar umas cervejas no bar da Loren, sua companheira – além de umas cachacinhas, é claro. Ali resumíamos o dia para Adilson, o qual, animado, respondia: *“(Risos) Foram lá no “Seo Madruga”, é? E aí, conseguiram as ramas tudo pra plantar? Passei hoje de trator ali na frente, perto do meio-dia, fui fazer uns serviços ali pros lados da Armação... Vi que tá ficando bonito, tá legal, hein... Fizeram ali umas duas linhas já, né? Da pra ver quando chega... Botaram tudo uns matos ao redor ali, né? Nunca vi*

*desse tipo*”. Entre uma cachacinha e outra a prosa ia tomando forma, e assim, as trocas iam sendo feitas: *“Pois é, cê viu? Achou massa? Da hora! Então, é aquele esquema que te falei outro dia. Esse mato vai ajudar junto com as plantas, é tipo um “berço”, sabe? Só que vem tudo junto. No lado semente de feijão e tomate, bem onde tã os matos, e no meio milho e mandioca...”*. Adilson, dava suas observações: *“Pois é, aqui o pessoal planta direto na terra, né? Direto mesmo, sem precisar adubar muito... Mas só assim, né? Se for com mais, como tu tais fazendo, aí vais ter que adubar mesmo... Mandioca pega bem aqui, e desse jeito aí, em pé, nunca vi (risos). Mas vai ficar bonito, rapidinho já cresce. Outro dia vocês vêm aqui, quando tiver claro, que eu mostro aqui atrás como tá a minha...”*, dizia Adilson, não sem antes terminar: *“e já que vocês querem trabalho, eu do trabalho aqui pra vocês (risos), sempre tem! (risos)*, apontando agora para uma outra colina - difícil de enxergar, pois era já umas 9 da noite -, com a sua roça de cana, super inclinada, rente aos paredões que se seguiam até o antigo engenho do Chico acima, ao topo do Sertão do Indaiá.

O dia seguinte começava agora com todos terminando de dar os “tratos finais” nas linhas terminadas de antes. O que se resumia a “caprichar” na feitura dos berços, com a deposição de matéria orgânica nas laterais – os galhos, folhas, ramas e etc, juntados durante os dois dias e que haviam sido depositados fora da área da roça, rente a estrada que leva ao galpão. O termo “berço”, trazido por Pedro, fazia muito sentido devido a esse preparo e “design” feitos para “proteger” e “alimentar” os locais que serão colocadas as mudas, as sementes e as manivas de mandioca. E para ajudar com a “limpeza” de um terreno rochoso e adiantar, mais uma vez, o preparo do solo – “afofar” – via enxadão, junto com as finalizações dos berços, o uso de enxadão, entre um “acabamento” e outro de folhas, também se tornava providencial: *“sempre que a gente puder, a gente “repassa” o enxadão”*, realçava, Pedro.



Pedro e Rafa fazendo os “berços”. Fonte: Autor (novembro 2020)

Perto das 11 horas, e com o trabalho adiantado, Pedro orientava para que voltássemos a casa, dizendo: *“Tá ótimo já, deixamos a tarde para fazer essa do adubo... Limpar o curral do Joel, botar tudo nos sacos e talz. Hoje dá pra ser um dia mais tranquilo, amanhã a gente volta e pega mais pesado de novo. Ah, e agora a gente faz o almoço mais cedo também, né?”*. Nunca houve um dia em que corrêssemos para além do que o físico permitia, ou de um trabalho já dado por feito (“objetivo cumprido”), digamos assim. Se o objetivo era usar a manhã para terminar a feitura dos berços e esse compromisso se encerra mais cedo do que o previsto: ótimo. Sobrava mais tempo para outras atividades fundamentais. Falando sobre isso, uma das minhas frases e orientações favoritas de Adilson – nosso confidente quase que diário dos dias de roça -, quando nos animava a continuar na empreitada, meio as nossas dúvidas e as possibilidades, era: *“é assim mesmo, vai no ritmozinho ali de vocês... Se todo dia tu pegar um pouco na terra, usando a manhã direitinho como vocês tão fazendo, sem apressar, no final da semana o negócio já ta feito... Se não der pra continuar no dia, paciência. Não tem como se cansa a toa não. É puxado mesmo.”*

Depois do almoço e descanso feitos, rumávamos então para dois sítios ao lado esquerdo do terreno de Pedro, onde Joel morava e tinha uma pequena criação de bois. Na semana em que Pedro chegara ao Sertão, recém mudado de Muzambinho, Joel fora o primeiro vizinho “amigo” que fizera. Logo no primeiro final de semana da sua estadia, ambos ficaram horas conversando em um churrasco animado promovido por Joel que durou até a noite. Daquele mesmo dia, Pedro sempre lembrava: *“Então, quando eu conheci o Joel ele me deu de presente um figado de boi que ainda tava “quente” (risos)... Não fiz desfeita, né? Tempos depois, um ano posterior a essa primeira ida, Pedro, Ana e Clara, já haviam adotado uma dieta completamente vegetariana. O que não impedia Pedro de ainda desfrutar alguns presentes dados por vizinhos. “pra não fazer desfeita, né? nessas horas, desse tipo de criação, eu até me perdoo e consumo (risos)”*.

Quanto a descrição do sítio de Joel, lembro de não enxergar tanto os tais “platôs” – a que tanto se referiam Pedro -, mas sim, de observar um grande gramado, o qual percorria, sob uma inclinação progressiva e suave, uma grande extensão até o topo da fronteira com a área de preservação, local onde havia uma generosa vista da Lagoa do Peri. Os bois eram criados soltos em quase todo o terreno, o qual, além do gramado capinado e pastado por eles, possuía também

espaços intercalados por grandes árvores, sozinhas ou em pequenos aglomerados, além de grandes rochas expostas. Junto havia uma casa para o abate e outra para armazenamento de estoques gerais e refrigeradores, além de alguns currais, sendo o maior, ao nível da casa, no “térreo”. Ali íamos fazer o serviço de limpá-lo e, assim, com o esterco coletado, encher, ao menos, 10 a 12 sacos de uns 200 litros, aproximadamente.

E já tirando as vacas, bois e bezerros do curral, Joel ia providenciando as pás e os sacos, dizendo, algo do tipo – pelo que a lembrança e as anotações recordam: *“É isso aí, podem pegar o quanto der, só mais saco que isso que não tenho como. Mas já ajuda pra vocês aí, né? Bom trabalho (risos), não esquece que to perto, aqui na casa, é só dar um grito quando precisar. Os bois aí vão ficar ao redor, de fora, olhando mesmo..., Mas são tudo calmo, não vão passar a linha de entrada aqui do curra, não...”*

Durante o tempo todo os bois ficavam a nossa volta, fora do curral, com olhares fixos para o que fazíamos. Algumas cabeçadas na parede do curral, uma vez ou outra, davam aqueles sustos. “Tamo mexendo na bosta deles (risos)... Mas sente só, tão acostumados que o pessoal do sítio vem aqui direto pra fazer essa função e não entram...”, dizia Pedro apontando para a entrada: o curral não possuía uma porteira, isso significava que os bois, vacas e bezerros poderiam, sim, entrar a qualquer momento. Mas não passavam da linha de entrada, fato curioso e já adiantado pelo colega.

O trabalho prosseguira bem, porém cansativo, muito por conta do calor abafado da estrutura do curral em um dia de “mormaço”. Em seguida, lotamos o carro com uns 15 sacos, pesadíssimos e enchidos ao máximo, a fim de se aproveitar o máximo que se podia. Voltamos para casa, e o trabalho, que parecia simples, fora tão pesado quanto um dia de roça. Como o uno não subia até o galpão – o caminho que leva até ele só é possível com carros 4x4 -, botávamos o que podíamos em um carrinho de mão, o qual revezávamos, já que o resto seria feito “no braço” mesmo, carregando do jeito que se podia, um por vez. Trabalho feito, dia concluído e o corpo esgotado. Aqui, o dormir cedo já se fez valer, acompanhando o restante da semana – ir ao Adílson todos os dias depois de um dia de trabalho podia não cair bem para o dia seguinte.

O quarto e penúltimo dia da roça começava com um desfalque, já que Rafa necessitava voltar a trabalhar como entregador. Depois da despedida, a roça até atrasara um pouco, mas seguiu firme e o serviço foi todo feito, na medida do possível e sem muitas novidades: uma nova linha terminada e os “berços” começados. Foi também um dia em que Ana necessitou trabalhar e, com isso, nos concentramos em ajudar a cuidar de Clara, o qual, revoltada por querer estar conosco na roça, não conseguia se distrair com os desenhos e as tintas. Tudo bem, era hora de darmos atenção e resolver descansar um pouco. *“Com essa mão que o Rafa deu, conseguimos praticamente terminar as linhas... Até gostaria de fazer mais algumas, cabe. Era pra ser 4, mas vamos fechar em 3 mesmo... Até pela quantidade de adubo. Mas sabe a real? O negócio é que depois que eu vi da dificuldade aqui, era jogo de, na próxima vez, fazer uns canteiros, ta ligado? Pensei em usar bambus que tem por aí, botar eles deitados e empilhados pra fazer um escoramento...Cheguei a falar com uns vizinhos, um deles tem um bambuzal dentro do terreno que ele precisaria até cortar alguns. Por agora deixa assim, isso é um plano futuro, pra depois dessa colheita...”*

O quinto e último dia ficara para terminar a terceira linha pela manhã, e, finalmente, as mudas, sementes e manivas seriam colocadas nos “berços” de tarde, com o adubo para finalizar o dia. E assim se seguiu a rotina de plantar: feijão de porco nas laterais, os quais cresceriam rápido e serviriam como matéria orgânica (com podas regulares realizadas por Pedro), além de tomate e feijão. No centro, o milho e as manivas de mandioca, colocadas em pé, fincadas na terra no esquema que meu colega dissera: *“É... E ainda tem muita pedra, né, cara? Mesmo se colocar ela direto no solo fico pensando se seria suficiente? O negócio é torcer pra crescerem bem, mesmo assim... Acho que em pé assim a gente “foge” um pouco dessas rochas, além de ter duas possibilidades por área...”*, a todo tempo Pedro repetia essa indagação, preocupado com o resultado.

Enfim, tudo o que podíamos ter feito, fizemos. E o resto de energia que ficara desses dias puxados - pelo menos para um viajante de primeira viagem, como eu – se esgotara por completo ao despejarmos os enormes sacos de adubo pelo centro das linhas. Subida, descida etc. Movimentos já assimilados, repetidos a exaustão. E assim, dia finalizado sob garoa. *“É isso aí, cara! Acabou!”*, dizia, aos risos, Pedro.



**“Fazendo o consórcio no sítio de Pedro”:** 1- “Linhas” sendo feitas (novembro 2020); 2 –Matéria orgânica composta por galhos e ramos sendo colocados lateralmente, como “berços” (novembro 2020); 3 – Pés de milho crescidos, e Pedro, em meio as ramas de mandioca que vingaram (fevereiro 2021); 4 – Milho orgânico colhido (fevereiro 2021)

## 2.4 ANÁLISE

### 2.4.1 TRÊS PONTOS PARA UMA JUSTIFICATIVA (OU APENAS “ALGUMAS DESCULPAS”)

Antes de tudo: mesmo que por motivos pessoais enfrentados pelo autor, os quais resultaram na quase desistência e em abandonos frequentes do curso ao longo de 5 anos – tempo do início do projeto dessa tese, já ao final da graduação, em 2020, até o término dela, em 2025 -, privilegiou-se terminar a pesquisa do modo como ela já se encontrava, ou seja, toda a análise de campo que já havia sido colhida e analisada em outubro de 2021. Muitas das descrições feitas e trazidas aqui, tanto no trabalho de campo, quanto nesta análise, são praticamente as mesmas de 5 anos atrás. Escolheu-se por manter grande parte de suas observações e análises.

Portanto, esse recorte temporal, ou retrato vivido e analisado daquela época, terminou sendo a contribuição final – assim espero - para pesquisas que serão muito mais bem conduzidas e realizadas naquela paisagem ao longo dos próximos anos, devido a sua inerente importância ambiental. Dessa experiência tida em 2020 e 2021 no Sertão, e da quase conclusão do curso já naquela época, outras contribuições foram realizadas posteriormente, sendo as que se mais se destacam, a meu ver, são a tese de graduação em Antropologia de Mauro (2024) e, claro, o próprio plano de manejo realizado também em 2024.

Segundo ponto: É possível que se tivesse sido realizada em outro momento – sem a ameaça de uma pandemia -, esta tese de graduação e o projeto feito anteriormente, seriam diferentes. Tanto no tempo de execução gasto, quanto na forma conduzida. Grande parte dessa etnografia foi feita durante esse período de isolamento, começando em novembro de 2020, quando o momento permitia uma pequena flexibilização – retrocedida nos meses seguintes devido a volta constante de casos e no atraso na criação da vacina. Posteriormente, voltou-se ao Sertão para outras atividades, quase 1 ano depois, em setembro e novembro de 2021, momento em que a flexibilização voltou a ser permitida.

Logo, devido a algumas dificuldades já adiantadas no roteiro de pesquisa, houve uma adaptação contínua no processo de se delimitar o enfoque e o modo da pesquisa, em função do que era possível. Também não se quer dizer que, caso contrário, os resultados seriam de níveis muito melhores do que se conseguiu, ou mais satisfatórios: para isso, há muita inexperiência a ser considerada aqui. Mas haveria, provavelmente, a possibilidade de se buscar um maior número de interlocutores; fotografias; visitas; gravações com depoimentos; da confecção de listagens de grande parte das técnicas utilizadas, além das espécies de fauna e flora

encontradas (isso para citar alguns exemplos). Enfim, tudo aquilo que, no mínimo, se exige de uma etnografia que cria a necessidade de se ir “a campo”, e que tem interesse na observação das relações de técnicas humanas com o uso do solo. Sem essas premissas realizadas na sua integridade, conclusões podem ficar mais suscetíveis ao risco de serem comprometidas. Reconhece-se isso. Portanto, este é o segundo ponto a se realçar para aqueles que possam se interessar na leitura deste trabalho.

O terceiro e último ponto que gostaria de trazer aqui é que, dada as condições de um período em pandemia, e com isso a impossibilidade de se ter um número ideal de interlocutores para uma pesquisa, a oportunidade de se fazer uma roça por si só - sem um roteiro prévio definido - ia se mostrando interessante para uma análise. Isto se deve por quatro motivos: 1) o incentivo e a orientação dada pelo Professor Rafael Devos que, ao me auxiliar na busca do futuro projeto, identificou nos relatos colhidos como possíveis relações que importam para um estudo na área de antropologia. Me chamando a atenção para questões de “habitação”, “técnica” e “paisagem”; 2) o incentivo e a autorização de Pedro, que ao me pôr a parte da sua interpretação do Sertão do Ribeirão como habitante, compartilhou muito de sua vida diária através das suas atividades, detalhando-as; 3) À medida que minha vivência na roça ia tomando forma, pude ver que a experiência me levava, por questões de necessidade, a conhecer alguns outros interlocutores. Como no caso da busca pelas ramas de mandioca, e da troca da limpeza do curral pelo esterco de boi, situações as quais me levaram a conversar com os vizinhos de maneira informal, com a desculpa da necessidade surgida pela roça; 4) Com a espontaneidade que essa maneira gerava - entre conversas mais despojadas - se obtinha informações relevantes. Os habitantes se sentiam muito mais à vontade em compartilhar um pouco de suas vidas através das atividades que realizavam. Ao falar do que faziam, também falavam de si.

Se por um lado a experiência da roça fornecia um modo minimamente “seguro” e espontâneo, ela também ajudava na formulação de perguntas sobre o tema. Com isso, acabara sendo um “pré-campo”, participativo. Todas as abordagens já trazidas anteriormente na introdução e na justificativa, surgiram em decorrência dessa vivência de cinco dias na roça e de idas posteriores ao Sertão, em grande parte através de alguma atividade de agricultura no sítio de Pedro.

Deste modo, pode-se dizer que a busca pelos autores se deu posteriormente e em função daquilo que se vivia, além da necessidade de se estabelecer um diálogo acadêmico - essencial para o formato do trabalho. E antes de ser propriamente uma metodologia, foram fundamentais na formação de, aí sim, um “roteiro” de análise – nome que até se prefere utilizar, ao invés da palavra “metodologia” -, com o intuito de ser feito com descrições úteis que procuram mais orientar pontos a serem avaliados no campo do que, ao invés, querer decifrar a realidade com seus próprios conceitos. Quanto aos últimos, quando utilizados - como nesta parte final do trabalho -, são muito mais instrumentais do que elucidativos. Privilegia-se aqui também, de qualquer modo, o que é dito e feito pelos interlocutores (no caso, os habitantes).

Logo, em resumo do que fora argumentado nessa parte: a proposta apresentada, reforça-se, se refere a um trabalho de campo de caráter participante – nos moldes da já conhecida “observação participante” em etnografia -, feita “a partir” do exemplo trazido por uma atividade fundamental aos habitantes do Sertão. No caso, a feitura de uma roça para subsistência, somados da minha própria participação e vivência.

#### 2.4.2 TRABALHO, COCRIAÇÃO E PAISAGEM

Partindo para o principal conceito instrumental utilizado nesta análise: o que queremos dizer com o uso da palavra “paisagem” e, com isso, considerar a sua importância para abordagens como as encontradas no Sertão?

Quando se procurou nessa pesquisa realizar indagações através da experiência do campo já descritos, logo se considerou falarmos, mesmo que de forma simplória, de um “todo”, e não apenas de fatos humanos isolados de um contexto – isso antes mesmo de se adotar qualquer tipo de abordagem “metodológica”. Também não se quis tratar a área como um retrato estagnado, sem movimento. Pelo contrário, desde a participação de uma atividade, até ao que pudera ser observado como testemunho dela na paisagem, enxergamos um “ritmo” de “cocriação” constante. E nesse “ritmo”, a atuação de diversos agentes, humanos e não humanos, estão presentes dentro dessa composição dinâmica.

O conceito de “paisagem” que começa a ser buscado e desenhado aqui, portanto, começa como fruto dessa abordagem “sistêmica” e “dinâmica”, em que a diversidade de componentes e suas interações é reconhecida pela sua manifestação: percebida e sentida enquanto se habita essa paisagem. Na obra “*Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*”, de 2019, a antropóloga Anna Tsing sugere um conceito de “paisagem” adequado para se conversar com este trabalho de campo. Quanto ao significado do conceito e de sua funcionalidade, Tsing define “paisagem” com os seguintes termos:

*Paisagem: na maioria das vezes usamos esse termo para imaginar um pano de fundo para a ação humana. Se nos preocuparmos com a habitabilidade, no entanto, teremos que descobrir como tornar as paisagens animadas, protagonistas de nossas histórias. O problema não é apenas a chamada agência de não humanos. Essa formulação geralmente leva a história de díades humanos/não humanos. Até aqui tudo bem, mas nenhuma díade humana/não humana vai longe o suficiente ao fazer a habitabilidade mútua de todo um conjunto de organismos que precisamos para sobreviver. Precisamos de paisagens, práticas especializadas de habitabilidade... “Minhas paisagens são uma reunião multiespécie, práticas das possibilidades de convivência. (TSING, p 94, 2019)*

A primeira mensagem fundamental da citação é na sugestão de se “animar o termo” em certas etnografias. Esta pesquisa, por exemplo, foi feita tendo uma atividade como um fio condutor de narrativa, contudo, durante todo o tempo, essa experiência não se desconectava da paisagem em si e das práticas que seriam possíveis ou não em seus domínios para uma roça possível que fosse: uma “negociação constante”, o qual culminaria sempre na busca por uma solução mais ideal para o cultivo, ou em uma nova “cocriação” entre agentes.

Muito do que se é considerado para o cultivo se dá também em função de uma percepção do próprio habitante sobre o ambiente em que diariamente atua e tece suas relações e, com isso, busca adaptações contínuas, afeito a mudanças, ou melhor dizendo, afeito as dinâmicas que se manifestam. Reforça-se o “em função”,

porém longe de um determinismo da natureza sob cultura, apenas como uma forma de reconhecer as múltiplas relações de associação e contradição que compõem um todo, e que são “negociadas” diariamente entre os agentes mutuamente. Ou, e em melhores palavras, através de uma “*reunião multiespécie*” (relações de associação) com suas determinadas “*práticas das possibilidades de convivência*” (as “negociações” entre agentes, as atividades realizadas pelos habitantes), como sugerido por Tsing. Aqui está um pouco da “paisagem” que este trabalho tem a intenção de dialogar e de se expressar: a busca pela relação entre essas “reuniões”, tecidas diariamente.

Se procuramos, portanto, descrever uma relação entre as atividades testemunhadas no Sertão com a dinâmica da sua *paisagem* ao longo do tempo, é necessário então que, junto com a intenção de “*tornar a paisagem protagonista*” (TSING, p.175,2019), conceitos como “*coordenação*”, “*perturbação*” e “*história*”, também presentes nos trabalhos de Tsing, sejam também esclarecidos e acompanhem os já citados conceitos de “*paisagem*”. Juntos, os três primeiros conceitos são fundamentais como sugestões de se analisar práticas de agricultura de pequeno porte, como os encontrados na paisagem do Sertão e as mesmas dentro de uma relação mais abrangente. Segue citação quanto a esse trio de conceitos, “*coordenação*”, “*perturbação*” e “*história*”:

*As paisagens são assembleias trabalhando em coordenações dentro de uma dinâmica histórica. Mas acabo de apresentar mais dois termos-chave para o projeto de pensar habitabilidade como simbiose: coordenação e história. Por história, refiro-me aos rastros de sinais de humanos e não humanos, a como estes criam paisagens. Uma das formas de se observar o que antropólogos e biólogos podem fazer juntos é assistir paisagens se criando por meio de rastros e sinais humanos e não humanos. Coordenação é uma lente para observar os organismos interagirem uns com os outros. Simbiose – assim como competição, predação e outras relações interespecíficas – requer coordenação. Prestar atenção às temporalidades das paisagens permite-nos observar sua dinâmica... (TSING, p.94, 2019)*

*Perturbação. Humanistas, entre os quais incluem antropólogos sociais, frequentemente imaginam que “perturbação” se refira a seres humanos com mau comportamento. Mas para um ecologista, a perturbação é principalmente não humana, embora os humanos também possam fazê-la – isso não é necessariamente ruim. Paisagens adentram em suas histórias por meio de perturbações. Seguir histórias de perturbação é uma maneira de fazer paisagem um protagonista dinâmico e uma prática de coordenações multiespécies. (TSING, pp.94 e 95, 2019)*

Tentar entender uma paisagem como a do Sertão do Ribeirão é também tentar entender sobre suas “perturbações”. É o que guia a indagação acerca da relação do uso da terra presentes com as possíveis “ressurgências” que avistamos: os “morros verdes”, adensados, os quais, muito provavelmente, tiveram “perturbações” anteriores. E não só entender a relação disso com o uso de terra atuais (agricultura e criação de animais), como também os da época do começo de sua ocupação. Só desse modo podemos entender a sua dinâmica, e, portanto, um pouco da sua história. Pesquisas que podem ajudar a encontrar um pouco desses “rastros humanos” recentes - dois séculos para cá - são encontrados nas obras: *“Ilha de Santa Catarina: Permanências e Transformações”* (Editora da UFSC, 2012), de Almir Francisco do Reis, da área de arquitetura e urbanismo; *“Terras Comuns na Ilha de Santa Catarina”* (Editora da UFSC, 1991), de José Nazareno Campos; e *“O Desmatamento da Ilha de Santa Catarina de 1500 aos Dias Atuais”* (Editora da UFSC, 1983), de Mariléa Martins Leal Caruso. Os dois últimos da área de geografia.

Seguindo na busca de se buscar uma boa sugestão de se interpretar as práticas do Sertão, e suas possíveis relações com “paisagens multiespécies”, a etnografia realizada por Tsing em *“The Mushroom at the End of The World: On The Possibility of Life in Capitalist Ruins* é um dos principais exemplos. A forma apresentada, ao esclarecer a técnica utilizada pelos agricultores nos bosques japoneses de Satoyama, mostra um exemplo de “coordenação” entre humanos e a paisagem. Ao em vez de deixar essas relações e práticas como simples pano de fundo, Tsing vai entrelaçando as narrativas encontradas – elementos da paisagem

evocados por interlocutores, espontaneamente - com aquilo que é testemunhado na paisagem. Em associação com a ilustradora Elaine Gan, a autora esquematiza as diversas associações existentes. Acontece que para o fim de se cultivar cogumelos, as podas utilizadas (sem maquinários pesados) – e que abrem pequenas clareiras nas matas a fim de se entrar (e controlar) luminosidade -, somado aos arranjos estabelecidos entre cogumelo, pinheiro e carvalho, não são só benéficas aos agricultores na sua subsistência, como servem de controle de espécies invasoras.

A retomada desses bosques, abandonados em épocas anteriores devido ao êxodo rural que atravessou o Japão na primeira metade do século XX, permitiu a “ressurgência” de uma “paisagem”. Derivado do fato de que, antes da retomada, as espécies invasoras, atraídas por “coordenações” rompidas do passado, haviam se alastrado, tornando-as invasoras, e portando, “predadoras”. Muitas espécies, seja de flora ou fauna, acabaram se extinguindo. Esse abandono humano de outrora, e que ameaçou o rompimento da sua habitabilidade, só seria cessado depois que um certo “retorno” ao campo feitas por algumas dessas famílias acabou ocorrendo (TSING, p. 99-1111,2019). A retomada de uma prática de agricultura nessas localidades possui relação direta com o “ressurgimento” da variedade de espécie nesses bosques. Logo, como conclusão de muitos de seus estudos, Tsing faz uma analogia dessa experiência de cultivo com a forma encontrada em “agriculturas holocênicas”, exemplo que serve como contraposição ao modelo vigente das “agriculturas modernas”, encontradas no Antropoceno:

*Como a agricultura manteve sua viabilidade de longa duração durante o Holoceno? A agricultura holocênica privilegiou os mesmos processos de ressurgimento e assembleias de espécies florestais que a expansão multiespécie que se seguiu à Idade do Gelo, incluindo tanto a sucessão local quanto as viagens de longa distância das plantas. As plantas precisavam viajar para sobreviver: o frio e a seca da glaciação da Era do Gelo eliminaram muitas espécies. Os espaços onde essas espécies destruídas em outros lugares continuaram a prosperar tornaram-se “refúgios”. Quando as geleiras recuaram e o mundo tornou-se mais quente e úmido,*

*coisas vivas se espalharam a partir dos refúgios, refazendo florestas, pântanos e prados. (TSING, p.231, 2019)*

A lógica por trás do processo dessas agriculturas estabelece uma contraposição ao modelo de boa parte da chamada “agricultura moderna”, contemporânea, onde os agrotóxicos, o uso do maquinário pesado, das largas escalas de terra e da monocultura, são capazes de realizar ameaças: exaurir uma terra. Como os casos de desertificação e lixiviação por larga participação antrópica. Locais de não “habitabilidade”, que não permitem o ressurgimento rápido de novos arranjos – “*assembleias*” - de espécies.

Portanto, qualquer relação desse tipo de cultivo estudado por Tsing com o que vemos em temas importantes como os da “agricultura orgânica”, “consórcio”, “sistemas agroflorestais”, “agricultura tradicional”, “agricultura familiar” e etc, podem ser válidas. Considerando que cada uma delas possua suas próprias linhas de conhecimento, história, afetos e objetivos, esses tipos de agricultura refletem algo de semelhante em um primeiro olhar: elas participam do meio em que se estabelecem, dentro do seu equilíbrio e dinamismo. Em outros termos, de se integrar a paisagem, de forma “positiva” e dentro do seu “ritmo” ideal. Grande parte das atividades encontradas no Sertão, por exemplo, ainda são semelhantes com as agriculturas do começo de sua ocupação e se encaixam nesse contexto. Segue citação de Tsing acerca dessa sugestão:

*... é possível pensar o Holoceno como uma época em que a agricultura humana conseguiu coexistir com uma ampla variedade de outros seres vivos. Se existe algum significado para o termo sustentabilidade, deve-se procurá-lo nas ecologias Holocênicas – incluindo aquelas que conseguiram se manter no mundo contemporâneo.*

*Felizmente, essa agilidade não desapareceu. Os modos holocênicos de existência, nesse sentido, ainda fazem parte do mundo contemporâneo, embora pressionados por poderosas alternativas modernas. (TSING, pp. 230-231).*

Mesmo que pressionado por uma especulação imobiliária predatória, o Sertão, tal como ele é, continua a se firmar e ser uma opção que ainda (re)existe –

ou, quem sabe, a única opção possível para essa “ressurgência” em ciclo. Em outras palavras, é evidente que um dos principais parceiros dessa manutenção, e de suas constantes “ressurgências”, tão necessária hoje, são os seus habitantes e suas atividades atuais – e aqui não se discrimina também todas as contradições inerentes aos modos de habitar que surgem dessa necessidade, busco agora uma primeira relação direta com a manutenção dessa paisagem, apenas como um, entre vários, exemplos possíveis.

No fundo, nada que, de fato, não fora debatido em outras bibliografias. Entretanto, o intuito com esta observação é em se reforçar a busca pela permanência e manutenção já citadas e defendidas por esses outros autores ao longo do tempo. Soma-se a isso, a consideração por palavras como “dinâmica”, “ritmo”, “coordenação” e “perturbação”, manifestadas pelas “práticas das convivências possíveis” via as atuais atividades encontradas no Sertão e nas que ainda possuem potencial de desenvolvimento – desde que atreladas ao “ritmo” dessa paisagem.

Se de um lado sabemos os benefícios que o conceito traz ao debate para uma antropologia da paisagem possível, do outro, para além de sua útil instrumentalidade enquanto abordagem, ele também permite um diálogo maior com outras áreas do conhecimento, preocupadas também com um avanço crítico de suas disciplinas para com o tema “sustentabilidade” e abertas para transdisciplinaridades possíveis. Ou, para citar Tsing: atentas a “aliados” possíveis. A autora, inclusive, reflete sobre as abordagens distintas entre “biologias” na contemporaneidade, trazendo a oposição entre as antropologias formalistas e substancialistas como um exemplo a ser traçado em paralelo. Deste modo, ela reflete sobre como a “ciência” está longe de ser unificada, visão que pode ser completamente negligenciada por olhares desavisados – principalmente para os oriundos das áreas de humanas. No campo da biologia citado pela autora, por exemplo, a divisão entre “neo-darwinistas” e “substancialistas” provocou novas abordagens no que se refere a uma consideração, central, pelas relações entre seres. No primeiro grupo, neo-darwinista, estariam os influenciados pela visão que privilegia o indivíduo perante as suas relações com outros seres, sob a chave da adaptação (o organismo mais bem “adaptado”), e no segundo, biólogos que estariam muito mais interessados nas relações tecidas entre os seres vivos do que apenas na constituição do organismo mais bem adaptado em si e em sua herança genética (TSING, 2019).

Por fim, como síntese final para esse capítulo, o qual discute sobre o uso do termo “paisagem” e sua importância em abordagens antropológicas, trago três situações consequentes dessa visão, e que - julga-se grosso modo aqui - poderiam ser consideradas quando pensamos o Sertão para uma análise, mais especificamente:

A primeira, a consideração pela “cocriação” entre agentes, juntamente aos outros termos já citados e absorvidos de Tsing para este capítulo. Ela permite entender os agentes de forma “ativa” – principalmente humanos – no que se refere ao desenvolvimento de sua própria paisagem biodiversa. No caso do Sertão, é notável que, quando comparamos essa área com outras situações encontradas na ilha de maneira geral, suas sucessivas ocupações e manejos permitem identificar as possíveis relações “positivas” que esse tipo de ocupação, ou melhor dizendo, de habitar, forneceram e ainda fornecem para as suas dinâmicas específicas: basta olharmos para as citadas ressurgências e perturbações inscritas na paisagem e a característica de “refúgio” de biodiversidade e modos de habitar que caracterizam suas dimensões.

A segunda situação, já introduzida, a de pensarmos o Sertão em uma escala de tempo muito maior. A história desta paisagem, via contribuição antrópica, não se desenhou do final século XVIII para cá. Mesmo que estudos sistemáticos ainda são escassos na área de abrangência da Lagoa do Peri no que se trata de uma arqueologia de um passado de longa duração e com dados substanciais ainda a serem feitos acerca dos tipos de manejos anteriores a chegada açoriana, é certo afirmar que todo o desenvolvimento biodiverso que ainda se manifesta dessa paisagem já acontecia durante uma presença, ativa e cocriadora, dos diversos povos que aqui habitaram. Espécies nativas e certas relações ambientais ainda praticadas são testemunhos dessa relação. A paisagem, na realidade, fora “herdada” pelos primeiros núcleos açorianos do Sertão.

Em suma, sustentar o argumento de que essa “cocriação” ou “parceria” entre seres humanos (via “habitar”) e outras espécies é fruto de uma longa duração é de extrema importância se queremos também entender as atuais lutas de permanências oriundas dessa atual paisagem. Afinal, a própria “heterogeneidade” do Sertão – o qual é o alicerce principal daquela biodiversidade ainda presente – é o

resultado dessa longa presença até os dias atuais. É com isso também que se reforça agora o terceiro ponto, final e conclusivo, dessas duas últimas situações apresentadas, a questão dessa “dinâmica” fundamental ser atrelada a uma “diferença interna e heterogênea”. Sobre isso, Tsing afirma:

*Para os ecologistas da paisagem, a paisagem é uma unidade de diferença interna. A questão central de se estudar paisagens está em apreciar sua heterogeneidade. Uma paisagem é um mosaico de fragmentos florestais, isto é, agregados de formas de vida que vivem umas em torno das outras. É nas diferentes dinâmicas de cada fragmento que a heterogeneidade da paisagem se realiza. (Tsing, 2019, p. 79)*

Ou seja, as interações existentes - e aqui elas surgem, principalmente, através de uma diversidade nos modos de habitar atrelados a técnicas diversas: esse rico “mosaico” de atividades e relações - são as próprias manifestações de uma paisagem, heterogênea, apontando o qual deve ser considerado sobre uma análise que visa tratar sobre a importância da presença daquela comunidade como a principal parceira dessa manutenção biodiversa: O “Sertão” só é o “refúgio” que conhecemos por conta dessas especificidades, diversas, os quais são vigentes desde um longo período de tempo, além de heranças sucessivas dessa paisagem.

Porém, essa é apenas a primeira parte da análise: a consideração pelo termo “paisagem” em análises antropológicas e de como um diálogo a essa abordagem pode ser fundamental para entendermos as diversas “camadas” e interações do Sertão. No próximo capítulo falaremos das ferramentas institucionais que regem aquela área e que também fazem parte de toda as dinâmicas (e das tensões) que lá se encontram. Falo aqui do avanço necessário e recente na legislação, a qual trouxe a mudança de categoria de “Parque” para “Monumento” e um plano de manejo mais adequado, feito em 2024 – avanços consideráveis, principalmente se compararmos a todo o histórico de iniciativas, conflitos e resistências que a própria comunidade e a paisagem passaram ao longo do tempo. Tópico imprescindível para esta análise final.

É também notável – e histórico - o que fora feito recentemente, justamente também por estarmos dentro de um contexto político - a nível global e local -, onde

surgem inúmeras ameaças e desinformações acerca das existências das Unidades de Conservação na ilha, e que, com isso, oferecem um risco não só apenas aos avanços empregados na legislação através de um novo plano de manejo atualizado, mas também de toda uma importante paisagem biodiversa que necessita das respostas que lá se encontram: as próprias particularidades dos modos de habitar ainda existentes no Sertão.

### 2.4.3 LEGISLAÇÃO

A história da conservação ambiental no Brasil é marcada por tensões profundas entre Estado, território e populações tradicionais. Como aponta Henyo Trindade Barreto Filho, grande parte das Unidades de Conservação (UCs) surgiram sob uma lógica tecnocrática que “*produz artefatos naturais*”, isto é, paisagens classificadas e recortadas pelo Estado de forma a parecerem desprovidas de vida humana (BARRETO FILHO, 2006). A consolidação desse modelo ocorreu sobretudo durante o regime militar, quando a criação de parques e reservas serviu como instrumento de ordenamento territorial centralizado, frequentemente desconsiderando as dinâmicas locais preexistentes. Assim, áreas vividas foram transformadas em “cenários naturais” a serem protegidos da própria população que historicamente as habitava.

É nesse contexto que se insere a trajetória institucional da Lagoa do Peri e, particularmente, do Sertão do Ribeirão. Desde a década de 1950, a região passou a ser objeto de interesse ambiental do poder público, culminando na criação, em 1981, de um parque municipal que pouco reconhecia as práticas tradicionais da comunidade local. O novo Plano de Manejo do MONA, no entanto, apresenta um gesto institucional significativo ao reconhecer que, ao longo desse processo, “*houve êxitos e equívocos, tanto por parte da gestão pública, como por parte de proprietários, moradores e usuários*” (PLANO DE MANEJO, 2024, p. 37). Esse reconhecimento rompe, em parte, com a tradição de “invisibilização das comunidades” apontada por Henyo, indicando movimentações internas rumo a uma gestão mais reflexiva e menos autoritária.

Ainda que inserido na matriz histórica das UCs brasileiras, o Plano de Manejo de 2024 representa uma inflexão importante. Entre seus avanços, destaca-se o reconhecimento explícito das populações tradicionais e de seus modos de uso,

especialmente na criação da Zona de Habitação e Produção Tradicional, que admite “*habitação de populações tradicionais, extrativismo sustentável e atividades agropecuárias de pequena escala*” (PLANO DE MANEJO, 2024, p. 112). Trata-se de uma mudança substantiva em relação ao modelo preservacionista clássico — criticado por Henyo — que operava pela exclusão, não pelo diálogo.

O zoneamento também se mostra mais sofisticado, articulando níveis de proteção que vão da restrição absoluta à permissividade relativa. Em áreas sensíveis, como a Zona Intangível, são permitidas apenas “*conservação, proteção, pesquisa, monitoramento, recuperação e restauração ambiental*” (PLANO DE MANEJO, 2024, p. 103). Já nas áreas habitadas, como no Sertão do Ribeirão, o documento admite práticas produtivas e extrativistas desde que alinhadas a parâmetros técnicos. Essa estrutura evidencia a tentativa de conciliar a proteção ambiental com a continuidade das formas tradicionais de vida, aproximando-se do entendimento antropológico de que a natureza não existe separada da experiência humana.

Essa tentativa de síntese também se observa na ênfase dada à participação social. Em contraste com o caráter vertical das políticas ambientais historicamente produzidas no país — onde a conservação era, nas palavras de Henyo, “*projeto de Estado, não de território*” (BARRETO FILHO, 2006) — o novo Plano foi construído por meio de dezenas de oficinas, reuniões e consultas. O próprio documento afirma que “*a participação social foi um elemento essencial para que o plano de manejo refletisse a realidade local*” (PLANO DE MANEJO, 2024, p. 72). Esse movimento representa um distanciamento das lógicas autoritárias que marcaram a criação original da UC e aproxima a gestão de uma perspectiva territorializada.

Apesar desses avanços, o Plano mantém traços da lógica estatal que historicamente moldou as UCs brasileiras. As atividades permitidas nas comunidades tradicionais continuam condicionadas a uma série de mecanismos de controle: construções e reformas só ocorrem com “*aprovação prévia do órgão gestor*” (PLANO DE MANEJO, 2024, p. 118); usos tradicionais devem ser cadastrados; e a permanência das práticas locais depende de monitoramento contínuo. A crítica de Henyo permanece pertinente: mesmo quando reconhece tradições, o Estado delimita os contornos do que é aceitável, reforçando uma “*domesticação territorial*” que organiza a vida local segundo parâmetros técnicos externos.

Como argumenta Anna Tsing em *Friction* (2005), os encontros entre políticas globais, instituições estatais e práticas locais nunca produzem harmonias: produzem *fricções*, zonas de contato que geram traduções, resistências, negociações e ambiguidades. O zoneamento do MONA é, nesse sentido, um mapa — mas um mapa também friccionado, como qualquer outro, e que tenta estabilizar tensões que não se deixam domesticar completamente.

O Plano, nesse sentido, busca reconhecer tanto as tensões existentes como também as formas tradicionais de vida, mesmo que através de uma malha normativa robusta. Fortalece, ao mesmo tempo, a necessidade pela busca de uma “sustentabilidade” inerente as características da paisagem do próprio Sertão, trazendo a importância das práticas e das pessoas que ali estão para centro do debate — por isso, e mais uma vez, um grande avanço. Com essa abordagem, inédita até aqui, a permanência das comunidades, por exemplo, é reconhecida, não deixando também de depender de autorizações formais; construções e reformas exigem “*aprovação prévia do órgão gestor*” (p. 118); práticas agrícolas devem seguir protocolos de “boas práticas” definidos externamente; e atividades turísticas só podem ocorrer mediante regulamentação específica.

O caráter restritivo não deixa de existir, mas dessa vez consegue, ao menos, “absorver” as características históricas e culturais que atravessaram aquela paisagem ao longo do tempo, reconhecendo a importância dos modos de habitar lá encontrados como “os” parceiros fundamentais de toda uma sustentabilidade necessária e urgente. Tratamos aqui do maior manancial hídrico da ilha.

Somado a isso, seria insuficiente caracterizar o Plano apenas por uma dimensão normativa. O documento apresenta avanços substanciais ao articular conservação com inclusão social e ao incorporar princípios contemporâneos da gestão socioambiental. Reconhece que a eficácia da UC depende de “*considerar as especificidades ambientais e socioeconômicas dos respectivos territórios*” e de promover “*novas possibilidades econômicas*” (PLANO DE MANEJO, 2024, p. 45). Essa abertura dialoga diretamente com as vivências do Sertão do Ribeirão — onde a relação comunidade/floresta não se define apenas pela preservação, mas por usos cotidianos, práticas agrícolas tradicionais, redes de parentesco e territorialidades específicas.

Assim, ao relacionar o Plano de Manejo, a crítica de Henyo e o caso do Sertão do Ribeirão, torna-se evidente que estamos diante de um documento que tensiona a própria tradição das UCs no Brasil. Ele conserva a estrutura normativa e o aparato técnico que caracterizam a conservação estatal desde sua origem, mas incorpora novos elementos — participação social, reconhecimento cultural, extrativismo sustentável... — que o aproximam de uma visão mais complexa e plural do território.

Para um estudo que analisa o Sertão do Ribeirão, essa complexidade é particularmente significativa. O novo Plano não resolve, mas explicita os conflitos entre conservação e vida comunitária; não dissolve a burocracia ambiental, mas a coloca em diálogo com práticas locais; não abandona a lógica estatal, mas admite a coexistência de múltiplas territorialidades. É nesse entrelaçamento tenso — entre artefatos naturais e territórios vividos — que se inscreve o presente capítulo e a própria realidade do campo em que este trabalho se desenvolve.

O Plano de Manejo de 2024, nesse sentido, é um enorme avanço e fundamental, mas isso não significa que o mesmo teve ruptura plena com o passado - nem também mera continuidade. Ele aparece como um documento híbrido — simultaneamente técnico e político, participativo e hierárquico, aberto e restritivo. É nesse campo movediço e tensionado que se dá a relação entre Estado, comunidade e meio ambiente, e é nele que este trabalho se insere. Compreender essas tensões é fundamental para analisar como os habitantes do Sertão do Ribeirão não apenas respondem às normas, mas reinterpretem, negociam e contestam o território que habitam, produzindo, eles próprios, outras formas de conservação e de vida.

### **3 CONCLUSÃO**

A presente pesquisa, iniciada a partir da vivência etnográfica em uma roça no Sertão do Ribeirão da Ilha, em Florianópolis, buscou compreender as complexas relações que constituem e mantêm viva uma paisagem cultural singular. Ao mergulhar no cotidiano dos moradores e em suas práticas de habitar, o trabalho revelou que o Sertão é muito mais do que um cenário natural preservado; é um território dinâmico, cocriado ao longo de séculos pela interação contínua entre seus habitantes e o ambiente. A pesquisa demonstrou que as atividades tradicionais, como a agricultura de pequena escala, a criação de animais e o manejo dos

recursos naturais, não são meros resquícios de um passado rural, mas sim a base fundamental que sustenta a biodiversidade, a resiliência ecológica e a identidade cultural desta localidade.

O estudo de caso da roça, como microcosmo da vida no Sertão, permitiu evidenciar a centralidade do trabalho manual e da relação íntima com a terra como formas de resistência. Em um contexto de crescente urbanização e especulação imobiliária, o ato de plantar, colher e compartilhar o alimento reafirma um modo de vida que valoriza a subsistência, a cooperação e o conhecimento ecológico local. Este modo de habitar, no entanto, encontra-se sob constante tensão. A pesquisa identificou que, historicamente, as políticas de conservação ambiental em Florianópolis foram implementadas sob uma lógica preservacionista que, muitas vezes, invisibilizou e restringiu as populações tradicionais, gerando conflitos e insegurança.

Nesse sentido, a recente mudança na categoria da Unidade de Conservação, de Parque Municipal para Monumento Natural (MONA) em 2019, e a subsequente elaboração de seu Plano de Manejo em 2024, representam um marco de extrema importância. Esta iniciativa, construída a partir de um processo participativo que incluiu a comunidade local, é digna de elogio por reconhecer formalmente a presença humana e a legitimidade de suas práticas tradicionais como parte integrante da estratégia de conservação. A criação de zonas como a de Habitação e Produção Tradicional é um avanço significativo, que busca conciliar a proteção dos ecossistemas com a garantia dos direitos e a promoção da justiça socioambiental. A UC do Sertão, através de seu novo arranjo institucional, emerge como um exemplo promissor de que é possível construir modelos de conservação mais inclusivos e eficazes, que valorizam a sociobiodiversidade.

Contudo, as conquistas alcançadas não eliminam as ameaças que pairam sobre as Unidades de Conservação de Florianópolis. A pressão do mercado imobiliário, aliada a discursos políticos que buscam a flexibilização ou mesmo a revogação das áreas protegidas, representa um risco iminente e severo. Como discutido no trabalho, a vulnerabilidade econômica dos moradores e a especulação sobre suas terras podem minar a capacidade de resistência da comunidade e levar à perda irreversível de um patrimônio natural e cultural de valor inestimável. A descaracterização dessas paisagens não significa apenas um prejuízo ambiental,

mas também o apagamento de modos de vida que guardam conhecimentos essenciais para um futuro mais sustentável.

Em conclusão, a pesquisa reforça que o futuro do Sertão do Ribeirão da Ilha, e de outras áreas protegidas, depende do fortalecimento de políticas públicas que reconheçam e apoiem as comunidades tradicionais como protagonistas da conservação. É imperativo que o poder público e a sociedade civil atuem de forma conjunta para combater a especulação imobiliária e garantir que as UCs cumpram sua função de proteger os bens comuns, como a água, a biodiversidade e a cultura local. A experiência do Sertão ensina que a verdadeira sustentabilidade não reside em uma natureza intocada e livre da presença humana, mas na construção de paisagens onde a vida, em sua diversidade, possa florescer em equilíbrio. O desafio, portanto, é transformar a resistência diária da roça em uma política permanente de valorização da vida, da terra e da cultura, assegurando que o Sertão continue a ser um refúgio de resiliência para as futuras gerações.

A vida no Sertão do Ribeirão tem se mantido, tradicionalmente, a partir da combinação de trabalho manual, uso da terra e múltiplas ocupações: roças de subsistência, extrativismo artesanal, pesca, criação de animais, cultivo de pequenas hortas, manutenção de casas herdadas, trocas comunitárias, entre outros. Entretanto, para muitas famílias, essas atividades — embora fundamentais — não garantem renda suficiente. O trabalho diário de manutenção da terra demanda tempo, esforço físico, insumos, cuidados constantes com manejo da vegetação e da terra, infraestrutura precária, transporte, e tantas vezes dependência de mão de obra contratada ou de outros empregos. Para quem vive com baixa renda, isso representa um custo real: não apenas em trabalho e tempo, mas também financeiro, muitas vezes suportado pela combinação de diferentes atividades, além de empregos externos mal remunerados.

Neste contexto, a terra funciona — na prática — não como fonte de lucro imediato, mas como um patrimônio simbólico, emocional, cultural, muitas vezes passado de geração a geração. No entanto, esse mesmo caráter de “patrimônio” pode se tornar vulnerabilidade: face à instabilidade econômica, à precariedade do retorno do uso tradicional e à pressão urbana e imobiliária crescente, muitos herdeiros podem sentir-se tentados a vender — convertendo esse patrimônio simbólico em ganho financeiro de curto prazo.

Esse cenário evidencia um contexto de fragilidade institucional das UCs — e de abertura para que aqueles interessados em especulação imobiliária vejam uma janela de oportunidade. Para muitos moradores do Sertão do Ribeirão, cuja manutenção da terra já é precária, a proposta de “flexibilização” ou “revogação” das UCs — acompanhada de promessas de valorização imobiliária, vendas lucrativas, loteamentos ou condomínios — pode soar como uma tábua de salvação. Em tese, abandonar o uso tradicional e vender o lote herdado garantiria renda imediata e eliminação da carga de manutenção contínua. Em termos macro, esse discurso se enquadra em uma lógica histórica de valorização imobiliária do litoral catarinense: transformar áreas antes protegidas em novas áreas de expansão urbana ou condomínios de luxo.

Tal argumento é perverso por suas consequências estruturais e coletivas. Primeiro, porque naturaliza a ideia de que o direito à terra e ao território pode ser convertido em mercadoria — desconsiderando laços comunitários, bioculturalidade e a função ecológica da terra. Segundo, porque ignora o papel das UCs na proteção de bens comuns: biodiversidade, recarga de aquíferos, mananciais de água, equilíbrio ambiental, mitigação de enchentes, refúgios naturais, uso público sustentável. A eliminação das UCs implicaria não apenas a perda do patrimônio natural, mas uma ferida irreversível na sustentabilidade da ilha.

Além disso, o discurso de revenda da terra tende a pressionar os herdeiros que hoje vivem com dificuldades econômicas. A herança pode tornar-se uma pendência financeira: manter a terra consome recursos e tempo; vender pode aliviar dívidas, gerar capital imediato — mas também romper vínculos comunitários, culturais e ambientais. A lógica econômica associada à especulação imobiliária raramente contempla as externalidades sociais e ambientais: riscos de ocupação desordenada, impactos ambientais irreversíveis, perda de patrimônio natural coletivo.

## REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Claudia; **A Visita** (Curta-metragem), 1991.

BARRETO FILHO, Henyo Trindade. **Conservação ambiental e UC'S no Brasil**, 2006.

BUENO, Lucas. et al. **Florianópolis Arqueológica**. Florianópolis, Editora UFSC, 2021.

CAMPOS, José Nazareno. **Terras Comunais na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, Editora UFSC, 1991.

CARUSO, Mariléa Martins Leal. **O Desmatamento da Ilha de Santa Catarina de 1500 aos dias Atuais**. Florianópolis, Editora UFSC, 1983.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. **Plano de Manejo do Monumento Natural da Lagoa do Peri**. Florianópolis, 2024.

GOMES, Tainá S. **Caminhos Tradicionais de Barreiras do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

MAMIGONIAN, Rafael (Dir.) **Seo Chico, terra e alma** (Curta metragem), 1996.

COSTA, Mauro Manoel da. **Sertão do Ribeirão da Ilha: Caminhos, paisagens e encruzilhadas em um reforço da sociobiodiversidade**. Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

REIS, Almir Francisco. **Ilha de Santa Catarina: Permanências e Transformações**. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

TSING, Anna. **Friction: An Ethnography of Global Connection**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

TSING, Anna. **Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB, 2019